UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

TRANSGRESSÃO EM *NOVAS CARTAS PORTUGUESAS*

Sheila Cristina Colepicolo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Muniz Simas

São Paulo
2007

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho Guilherme pelo apoio e compreensão em todos os momentos.

A minha mãe por estar ao meu lado sempre.

A todos os meus amigos que compartilharam e dividiram comigo as preocupações desse longo caminho.

Aos meus irmãos Pio, Sidney e Solange pela constante presença.

À amiga Alessandra pelo apoio gentil.

A todos os meus amigos que compartilharam e dividiram comigo as preocupações desse longo caminho.

À professora Marlise Vaz Bridi pela especial atenção e sugestões.

À professora Lilian Lopondo pela contribuição e orientações.

Em especial, agradeço a minha orientadora Dr^a. Monica Muniz Simas pela dedicação, incentivo e amizade, e por me apoiar em todos os momentos de angústia vividos nessa caminhada.

A todos o meu muito obrigado.

RESUMO

O presente trabalho procura analisar a erótica na constituição ética do sujeito feminino, na escrita de novas Cartas Portuguesas. Suas autoras, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, construíram uma obra de ficção transgressiva, centrando a escrita em um diálogo ousado, que mostra a mulher em luta contra os valores patriarcais tradicionais na sociedade portuguesa.

O percurso da leitura discutirá os seguintes aspectos: a intertextualidade com as cartas atribuídas à freira Mariana Alcoforado, a análise do simulacro do gênero epistolar e o engajamento político-social da mulher portuguesa.

Palavras-Chave: Ética e Literatura – Literatura e Constituição Ética do Sujeito - Ética e Erotismo - Literatura Portuguesa do Século XX.

ABSTRACT

The present work aims to evaluate the erotic behavior through the ethic of female gender in the collective volume *Novas Cartas Portuguesas*. The authors Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno and Maria Velho da Costa, built a transgressive fiction, focusing the text on an audacious dialogue which shows the women ready to fight against all the archaic and traditional patriarchal values in the Portuguese society

It will be discussed the following aspects: (i) the intertextuality with the letters supposedly written by the sister Mariana Alcoforado, (ii) analysis of epistolary gender discussion related to differences/equalities and, (iii) the complete emancipation and engagement political-social of Portuguese women.

Keywords: Ethic and Literature – Literature and Ethical Constitution of People – Ethic and Eroticism Behavior – Portuguese Literature of XX Century.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1. TRANSGRESSÃO NA ESCRITA DE NOVAS CARTAS PORTUGUESAS	10
CAPÍTULO 2. INTERTEXTUALIDADE E CONTEXTOS.....	21
2.1. AS CARTAS PORTUGUESAS ATRIBUÍDAS A MARIANA.....	29
2.2. O CONVENTO, UMA INSTITUIÇÃO TOTALITÁRIA.....	37
CAPÍTULO 3. O SUJEITO FEMININO - ERÓTICO	42
CAPÍTULO 4. IDENTIDADE DO FEMININO	62
CAPÍTULO 5. REVOLUÇÃO FEMINISTA	83
CONCLUSÃO	101
BIBLIOGRAFIA.....	105

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura analisar a transgressão na obra *Novas Cartas Portuguesas*, escrita por Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa. As autoras presenciaram e participaram do contexto da ditadura salazarista, período marcado por fortes desigualdades políticas, econômicas e sexuais, registradas na sua obra de ficção, simulacro de cartas e texto híbrido, trocados entre si e inseridos nessa análise.

Ao construírem essa obra numa escrita coletiva, procuraram identificar a mísera condição social da mulher portuguesa na sociedade tradicional e patriarcal de então. Ao publicarem a obra, em 1972, as autoras foram condenadas pelo regime salazarista por ofensas à moral vigente, dando origem a um processo judicial que movimentou cultural e politicamente a Europa, chegando a obter o apoio das francesas lideradas pela escritora Simone de Beauvoir, autora de *O Segundo Sexo*, e participante ativa dos movimentos feministas que eclodiram no século XX, na tentativa de despertar nas mulheres a consciência da formação de uma nova identidade.

Essa obra é composta de 25 cartas e 101 diferentes textos de classificação genérica (bilhetes, invocação, passamento, redação, extratos de diários). Dentre eles, encontram-se diversos poemas com nomes de mulheres, cantigas à moda medieval, dois textos albas e poemas atribuídos ao Marques de Chamilly, em Portugal.

Essas três mulheres de uma mesma geração reuniram-se e combinaram de escrever um simulacro de cartas, sem definição de autoria e sem preocupação em percorrer os caracteres essenciais que fazem parte da construção de uma missiva. Uma vez por semana faziam a coleta dos textos, que deixavam numa caixa em local pré-estabelecido, organizando assim uma obra, engajada em infringir as regras sociais e

políticas da época.

Houve a necessidade de se fazer um recorte no trabalho, sugerido pela banca de qualificação, estabelecendo-se um núcleo de pesquisa focado na constituição do sujeito feminino-erótico, não se desprezando, no entanto, o estudo da nova identidade feminina, questionada pelas autoras na obra.

No primeiro capítulo, tratou-se da transgressão na escrita da obra *Novas Cartas Portuguesas*. A partir da conceituação da palavra *transgressão*, procurou-se dimensionar, nos textos das autoras, o uso dessa linguagem em relação ao questionamento da evolução histórica das mulheres. Nessa linha de análise, enfatizaram-se os estudos de Michelle Perrot, Georges Duby e Simone de Beauvoir, que esclareceram os caminhos percorridos no crescimento social e político da mulher.

Devido à presença do diálogo com as cartas, atribuídas à freira Mariana Alcoforado, fez-se necessário uma pesquisa nos estudos de Luciano Cordeiro e Katherine Vaz sobre a autoria e a autenticidade das *Cartas Portuguesas*, pois, nesse exercício de escrita coletiva, as autoras retomam o passado no presente, num processo intertextual. Para compreendê-lo, estudou-se a obra *Palimpsestos* de Gerard Genette.

Escolheram-se ainda textos da obra *Novas Cartas Portuguesas* que frisassem os caminhos da evolução histórica da mulher, lutando por seus direitos na sociedade portuguesa da época.

As autoras de *Novas Cartas Portuguesas* promoveram a subversão do gênero epistolar de uma obra de ficção, simulando cartas, principal idéia estudada no segundo capítulo.

Principiou-se por caracterizar os conceitos e fundamentos essenciais para se redigir uma carta. Os estudos de André Crabbé Rocha e Adma Fadul Muhana

direcionaram esse estudo evolutivo das missivas e a relação percebida através das *Novas Cartas Portuguesas*.

Fez-se necessário também, nesse capítulo, um estudo sobre as *Cartas Portuguesas*, supostamente escritas pela freira Mariana Alcoforado.

Percebeu-se, nesse caminho, que as autoras, na escrita de *Novas Cartas Portuguesas*, retomaram e “coloriram”, muitas vezes, a linguagem atribuída à freira em seus textos, sempre com o intuito de focar a revolução feminina, cada qual à sua época, fazendo assim uma releitura da identidade da mulher portuguesa.

Na realização dessa pesquisa, não se pode deixar de assinalar os estudos feitos por Erving Goffman a respeito de instituição totalitária que, nesse caso, reportou-nos ao convento e à vida *enclausurada* da freira Mariana.

Os capítulos anteriores permitiram uma melhor compreensão da construção dos textos de *Novas Cartas Portuguesas*.

Ao escolher-se como fio condutor da pesquisa o sujeito feminino-erótico, centralizaram-se as leituras em Georges Bataille, especificamente em relação à questão do erotismo; em Michel Foucault, na constituição do sujeito feminino; já os estudos de Teresa de Laurentis e Heloisa Buarque de Holanda nos direcionaram para o quesito das diferenças de gênero.

Todas essas questões estão entretecidas nos textos das Três Marias e favorecem o estudo da identidade feminina, da revolução feminina e da luta pelos direitos das mulheres, tão questionados pelas autoras.

A formação da identidade feminina só adquiriu forças, após a segunda guerra mundial, segundo a leitura da obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. A partir da força que o movimento feminista assume nesse período, a mulher se conscientiza do seu

papel na sociedade e passa a construir uma nova identidade, fortalecendo-se e galgando patamares de igualdade em relação ao homem.

Para Manuel Castells, em sua obra *O Poder da Identidade*, essa construção vale-se da memória social, política e religiosa do sujeito, que processa esses elementos e reorganiza a sua história, para seu crescimento individual. A constituição da identidade feminina agrega esses elementos, com diferenças e semelhanças com o masculino e constrói a sua própria identidade, marcada pela luta revolucionária da mulher.

Michelle Perrot esclarece ainda que as conquistas e a evolução da condição da mulher são lentas. Somente a partir da década de sessenta, o movimento feminista ganha novos contornos: sai da opressão familiar e passa a ser público e coletivo.

As autoras de *Novas Cartas Portuguesas*, inseridas nessas mudanças, constroem uma obra repleta de histórias individuais de mulheres que sofrem injustiças familiares, políticas e religiosas, despertando-lhes assim uma consciência coletiva, descrita em seus textos como eco de uma luta que favorece a constituição de uma nova identidade feminina.

Capítulo 1 – TRANSGRESSÃO NA ESCRITA DE *NOVAS CARTAS PORTUGUESAS*

“Deste modo vamos construindo um azulejo, um painel. Carta por carta ou palavra por palavra escrita, volátil, entregue. A nós principalmente, depois a eles; a quem nos quiser ler mesmo com raiva. E nunca o amor foi tão inventado, logo verdadeiro...”¹

Novas Cartas Portuguesas é uma obra de ficção escrita por Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, três mulheres que construíram um simulacro de cartas com o intuito de registrar a mísera condição social vivida pela mulher portuguesa.

Para a leitura da transgressão escrita nessa obra, é necessário conceituar a palavra:

“TRANSGRESSÃO s.f. (lat. transgression, transgressionis). Ato ou efeito de transgredir; violação; infração. TRANSGREDIR v.t.(Do lat.Transgredere, por transgredi.) 1. Passar além de; atravessar, 2.violar uma norma (moral,legal,contratual,etc.), infringir. TRANSGRESSO adj. (Do lat.Transgressivus) Que transgride ou envolve transgressão. TRANSGRESSOR adj. e s.m.(Do lat.eclesiástico transgressor.) Que ou o que transgride.”²

¹ Barreno,Costa,Horta,1974:29

² Larousse Cultural,1999:889

A partir dessas definições, procurou-se estudar o percurso desses conceitos na obra em questão.

Ao se unirem numa escrita coletiva, as autoras dialogam com as *Cartas Portuguesas* atribuídas à freira Mariana Alcoforado, proporcionando assim um entrelaçamento do presente com o passado, que revela a submissão e a transgressão da mulher, constituindo uma nova identidade feminina portuguesa para a época.

A pesquisa iniciou-se com os estudos feitos por Michelle Perrot e Georges Duby³, na qual os autores já discutiam a evolução histórica da mulher, que fora deixada à sombra de sua própria história, e dimensionavam a constituição do sujeito-mulher num mundo misto, frisando que esse fato obedece, acima de tudo, ao progresso evolutivo do mundo. Essa evolução feminina foi largamente exposta e questionada nos textos de *Novas Cartas Portuguesas*.

“(...) Entendo, pois, que não basta pensar em relações de produção, sendo socialmente a mulher produtora de filhos e vendendo sua força de trabalho ao homem-patrão. Esta é uma exacta e muito necessária mas não total leitura da realidade; necessária por bem agarrar este fulcro da questão, talvez até sua origem histórica e que tanto se quer escamotear na arengada promoção da mulher. Mas a esta leitura é necessário acrescentar todos os sistemas de cristalizações culturais que vieram sustentando, reforçando, justificando e ampliando essa dominação da mulher (e não só essa dominação) porque a alteração da situação econômica e política da que agora nela se baseia não traz

³ Perrot,Duby,1991:7

necessariamente a destruição de todas as cristalizações culturais (...)”⁴

No exercício de escrita a três e no processo intertextual com as *Cartas Portuguesas*, as autoras subvertem o gênero epistolar tradicional. Aproximam-se de uma linguagem mais interior, plena de emoções, com marcas das experiências pessoais das mulheres, projetando na escrita da obra a imagem da realidade concreta, do engajamento político e da luta feminina em busca da construção de uma nova identidade, mesmo com as circunstâncias mais complexas vividas por essas mulheres no regime ditatorial que imperava na época em Portugal.

Esse regime foi estabelecido quando Antonio de Oliveira Salazar assumiu, em 1929, a chefia do governo. Constituiu-se num sistema marcado pelo autoritarismo e pelas proibições que se estendiam aos partidos políticos, às áreas da cultura, às forças armadas e a todas as colônias e pessoas que viviam sob o seu comando. Modificou-se somente a partir da Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, uma revolução silenciosa, porém confiante na renovação e evolução da vida dos portugueses.

Lincoln Secco⁵, ao tratar em sua obra das proibições desse período, cita que:

“As manifestações de descontentamento, na área da cultura e da política, existiram e exerceram seu impacto na opinião pública. Quando algum intelectual levantava a voz contra o regime era severamente punido. Não é preciso falar das prisões e torturas que estavam reservadas aos opositores (oriundos de agrupamentos políticos clandestinos). Poucas vezes o regime precisava de tomada de posição

⁴ Barreno, Costa, Horta, 1974: 103

⁵ Secco, 2004: 95

de algum intelectual que lhe fosse favorável. É verdade que controlava a Universidade e usava o instrumento da censura. Mas esta também tinha seus rompantes de folclore: a lista de autores proscritos, divulgada depois do 25 de Abril, mostrou que o governo impedira a publicação de Bocaccio, Casanova, Sade e Henry Miller por serem contrários à boa moral”.

Foi durante esse período que as Três Marias publicaram a obra *Novas Cartas Portuguesas*, considerada ofensiva à moral vigente, dando origem a um processo judicial, que movimentou cultural e politicamente a Europa.

“(...) E pergunto-me, e disso já falei, se a guerrilheira sem angústias de futuro e junto de seus irmãos, nessa altura em que a guerrilheira, e não produtora de filhos, nesse seu renascimento de sangue, se é guerrilheira sem angústias de futuro e junto de seus verdadeiros irmãos, ou se nestes presente ainda a raiz da traição, no diálogo de luta presente e na cidade futura; qual o sentido da liberdade, ou da sobrevivência, por que luta, se continuar a ser sexo de segunda ordem, à sombra da cultura do Homem (...)”⁶

Ao iniciar-se a leitura da obra, observa-se que Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa introduziram em seu primeiro texto a marca forte do diálogo:

⁶ Barreno, Costa, Horta, 1974: 104

“Pois que toda literatura é uma longa carta e um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos, procuramos.”⁷

Nessa Primeira Carta I, as autoras procuram conversar com o leitor e definem literatura como uma *“longa carta”*, esclarecendo que o tema central da obra seria também o exercício da paixão, que é o próprio exercício da escrita e a interação com o mundo que ela pressupõe:

“(…) E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; e eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. Não será portanto necessário perguntarmo-nos se o que nos junta é paixão comum de exercícios diferentes, ou exercício comum de paixões diferentes.”⁸

As autoras convocam essas mulheres a um gesto de luta sem recuo:

“Sim, sem dúvida que nostalgia é também uma forma de vingança, e vingança uma forma de nostalgia; em ambos os casos procuramos o que não nos faria recuar; o que não nos faria destruir. Mas não deixa a paixão de ser a força e o exercício o seu sentido.”⁹

⁷ Barreno,Costa,Horta,1974:9

⁸ Barreno,Costa,Horta,1974:9

⁹ Barreno,Costa,Horta,1974:9

No último parágrafo dessa Primeira Carta I, as autoras desenham os caminhos revolucionários que seguiram e convocam Sórora Mariana, sempre no diálogo intertextual, à constituição de uma irmandade:

“Só de nostalgias faremos uma irmandade e um convento, Sórora Mariana das cinco cartas. Só de vinganças, faremos um Outubro (referem-se a 5 de Outubro - Proclamação da República), um Maio (reportam-se a 28 de Maio - início da ditadura), e novo mês para cobrir o calendário. E de nós, o que faremos?” (questionam-se quanto à publicação da obra e quanto às próprias vidas após a censura).¹⁰

Podem-se destacar ainda as palavras *"tecemos"*, *"tear"*, *"nossa camaradagem"*, que aparecem na Terceira Carta Última, que remetem à camaradagem feminina, à revolução da escrita da mulher:

“Solidão com vocês, nossa camaradagem que não tecemos em tear alheio e muito menos se de macho, pois de homem gostamos (e muito) (...)”¹¹

As autoras finalizam o último parágrafo dessa carta como se fosse um texto bíblico, profetizando a contínua luta feminina e, ao mesmo tempo, parodiando o *slogan* por Salazar, em seus discursos nas rádios da época, "Somos sós, mas muito amparados" e elas escrevem:

¹⁰ Barreno,Costa,Horta,1974:9

¹¹ Barreno,Costa,Horta,1974:385

“E em boa verdade vos digo: que continuamos sós, mas menos desamparadas.”¹²

Essa escrita transgressiva e revolucionária, que os primeiros textos da obra apresentam, procurou sempre trazer à luz uma mulher preocupada com seu crescimento pessoal, constituindo uma nova identidade, um sujeito feminino.

A Terceira Carta IV, prolonga, através da palavra, essa luta pela liberdade da mulher:

“Inevitavelmente, passamos de amor à história e à política e aos mitos que calçam circunstâncias históricas e políticas e tu perguntaste "é pacto com o demônio que sugeres?" E não foi por acaso, essa pergunta -- de fora nos julgamos, mas são temores mais fundos o que nos liga ao que rejeitamos (...) ou se nestes presente, ainda a raiz da traição, no diálogo de luta presente e na cidade futura; qual o sentido da liberdade, ou da sobrevivência, por que luta, se continuar a ser sexo de segunda ordem, à sombra da cultura do Homem, com letra grande, obrigada a serviços da manutenção do homem, último receptor das frustrações do homem, para quem o próprio erotismo, sua fictícia bandeira de libertinagem, é agressão à mulher.”¹³

O estudo da intertextualidade, que aparece em *Novas Cartas Portuguesas*, favorece a alocação da mulher no coletivo da história. Além disso, o fato de incluir-se especificamente a autora incerta das *Cartas Portuguesas*, Mariana Alcoforado,

¹² Barreno,Costa,Horta,1974:385

¹³ Barreno,Costa,Horta,1974:102

aprofunda o diálogo com o imaginário coletivo. Como foi exposto na Terceira Carta IV, amor, história, política e mitos aparecerão entretecidos nas teias que essas “*novas cartas*” constroem.

Os estudos de Gerard Genette, em sua obra *Palimpsestos*¹⁴, tradução para o espanhol de Célia Fernandez Prieto, identificam hipertextualidade como “*toda relación que une un texto B (que llamaré hipertexto) a un texto anterior A (al que llamaré hipotexto) en el que se injerta de una manera que no es la del comentario*”. Ao injetarem trechos das *Cartas Portuguesas* em sua obra, as autoras mantêm um diálogo contínuo entre presente e passado e promovem a hipertextualidade ou, ainda, como aparece nas palavras de Genette, “*al derivarse por lo general de una obra de ficción (narrativa ou dramática), queda como obra de ficción, y con este título cae, por así decir, dentro del campo de la literatura*”.

Essa hipertextualidade pode ser observada nas primeiras cartas que as autoras trocaram entre si e em especial na Terceira Carta I¹⁵, quando iniciaram o texto com o mesmo verbo usado na Primeira Carta das *Cartas Portuguesas*:

“Considerai, irmãs minhas, cá hoje e ensoalhada a febre por este brando sol se repartindo e bem rendido, turista o dar e o brotar para esta novidade literária que há-de vender-se, eu vos asseguro, (?) ós seis patinhas sonsas de nós três para nós e eles. Considerai a clausura proposta, a desclausura, a exposição de meninas na roda, paridas e esconsas da matriz de três.”¹⁶

¹⁴ Genette, 1989:14

¹⁵ Barreno, Costa, Horta, 1974:13

¹⁶ Barreno, Costa, Horta, 1974:16

“Considera, meu amor, a que ponto chegou tua imprevidência.
Desgraçado! Foste enganado e enganaste-me com falsas esperanças.”¹⁷

As Três Marias ainda incorporam à sua obra trechos da publicação original em francês, de 1669, das *Cartas Portuguesas*, Carta Segunda¹⁸, continuando assim a intertextualidade:

“Il me semble que je fais le plus grand tort du monde aux sentiments de mon coeur, de tâcher de vous les faire connaître en le écrivant”¹⁹

Os textos de *Novas Cartas Portuguesas* trazem um enfoque à questão erótica, presente na constituição do sujeito feminino e socializado pelas autoras em sua escrita coletiva. O estudo de George Bataille, na obra *O Erotismo*²⁰, propõe que “a atividade sexual desliga-se da simplicidade animal. Ela é essencialmente uma transgressão”. É nessa perspectiva transgressiva que elas procuram descrever a mulher participante do seu processo evolutivo e consciente da construção de uma nova identidade.

A Terceira Carta IV traduz essa incessante busca evolutiva feminina:

“(…) no diálogo de luta presente e na cidade futura; qual o sentido da liberdade, ou de sobrevivência, por que luta, se continuar a ser sexo de segunda ordem, à sombra da cultura do Homem, com letra grande, obrigada a serviços da

¹⁷ Barreno,Costa,Horta,1974:16

¹⁸ Barreno,Costa,Horta,1974:26

¹⁹ Barreno,Costa,Horta,1974:39

²⁰ Bataille,1987:101

manutenção do homem (...) para quem o próprio erotismo, sua fictícia bandeira de libertinagem, é agressão à mulher (...) Chegará tempo de amor, em que dois se amem sem que uso ou utilidade mútua se vejam e procurem, mas apenas prazer, prazer só, no dar e receber?”²¹

Em *A Paz*²², identifica-se uma escrita ousada sobre o exercício do prazer da freira, confinada a uma instituição fechada, o convento. Numa linguagem cuidada, repleta de metáforas, carregada de percursos eróticos, com inserção de trechos das Cartas Portuguesas, as autoras procuram levar o leitor ao encontro de uma mulher que demonstra sua paixão, usando dos cinco sentidos:

“Compraz-se Mariana com seu corpo. O hábito despido, na cadeira, resvala para o chão onde as meias à pressa tiradas, parecem mais grossas e mais brancas. As pernas, brandas e macias, de início, estiradas sobre a cama, soerguem-se levemente... mas os joelhos se levantam e os calcanhares se vincam nos lençóis. Os rins se arqueiam no gemido que aos poucos se tornará contínuo, entrecortado, retomado logo pelo silêncio da cela... Que interessa então Mariana as mãos que o encaminham? Quebra-se pois a clausura? Compraz-se Mariana com seu corpo, ensinada de si, esquecida dos motivos e lamentos que levam às cartas e a inventam. - "Descobri que lhe queria menos do que à minha paixão (...)" - ei-la que se afunda em seu exercício. Exercício do corpo-paixão, exercício da paixão na sua causa”

²¹ Barreno,Costa,Horta,1974:104

²² Barreno,Costa,Horta,1974:48-50

Essa análise de *Novas Cartas Portuguesas* privilegiou a leitura da transgressão escrita da obra, procurando sempre traçar os caminhos percorridos pela mulher, na evolução histórica de luta por seus direitos, e ousando construir uma nova identidade na sociedade portuguesa de sua época.

Capítulo 2 - INTERTEXTUALIDADE E CONTEXTOS

A inter e a intratextualidade de *Novas Cartas Portuguesas* promovem a subversão do gênero epistolar.

Para se analisar esse processo de criação envolvendo a obra das Três Marias e, conseqüentemente, esse tipo de gênero, observaram-se alguns conceitos essenciais da construção de uma carta.

A carta particular caracteriza-se, basicamente, pela espontaneidade, pela vontade do destinador em expressar os mais corriqueiros fatos ou as mais recônditas emoções a um destinatário distante. Toda troca epistolar revela a história e o pensamento de uma época.

Andrée Crabbé Rocha, uma das mais conhecidas estudiosas do gênero epistolar, define que:

“A carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante. Compartilhado por todos os homens, quer sejam ou não escritores, corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. “Communicare” não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda “pôr em comum”, “comungar”. Escreve-se, pois, ou para “não estar só” ou “não deixar só”.²³

²³ Rocha, 1965:13

Há elementos essenciais que estruturam e regem a escrita da carta: lugar, data, destinatário e assinatura. Pode-se observar que as autoras de *Novas Cartas Portuguesas* não se preocupam com essas regras, mas, como já foi enunciado, escrevem para formar uma irmandade de mulheres, para não estarem sós.

Na verdade, como salienta Adma Fadul Muhana²⁴,

“Trata-se de uma conversação escrita, entre pessoas ausentes, sobre assuntos próprios que, por conseguinte, deve ser redigida numa linguagem simples, evitando-se a afetação ou qualquer outra forma de excesso a fim de causar a aparência de naturalidade e não de artifício.”

Quem escreve *precisa considerar quem é e para quem está escrevendo e sobre que assunto* afiança, ainda, Adma. Porém essa não foi a preocupação das Três Marias ao escreverem entre si, sem signatário. Dessa forma, o objeto é só pretexto para o exercício da escrita.

“Será desnecessário acrescentar que o meu exercício é o da vingança; que quem está ferido não se recolha, antes despeje o seu sangue no mundo. Porque o objecto da paixão é o mesmo pretexto, pretexto para nele ou através dele definirmos, e em que sentido, o nosso diálogo com o resto.”²⁵

²⁴ Muhana, 1999:20

²⁵ Barreno, Costa, Horta, 1974:32

O contato com cartas tão íntimas da obra *Novas Cartas Portuguesas* nos aproxima, de certa forma, das autoras e cria a ilusão de um “pseudo” convívio. Nesse espaço de tempo, passamos de leitores a interlocutores e/ou confidentes no fremente discurso, acompanhando atenta e silenciosamente a batalha entre um amor intenso e a força da criação, de que a arte é a maior beneficiária.

Seja em prosa ou em verso, com o desenvolvimento da literatura, a carta transformou-se em gênero distinto, com finalidade diversa da original: de utilitária, à manifestação literária, inclusive obedecendo aos preceitos da retórica. Por ser uma forma de comunicação direta, o gênero foi também utilizado em crítica literária e por aqueles que desejavam expor suas opiniões políticas, morais ou filosóficas. *Novas Cartas Portuguesas* é obra que exemplifica essa característica: nas suas entrelinhas, as autoras revolucionam através da palavra a opressão sofrida pelas mulheres.

Ao se estudar a obra de Andrée Crabbé Rocha, pode-se verificar que o epistolário de um escritor pode ser um importante meio de conhecimento de sua vida íntima, de suas idéias, de suas obras ou de seus contemporâneos. Mesmo não pertencendo a escritores, um epistolário pode também apresentar valor artístico pela sua estrutura, temática ou estilo. Outras vezes, forma um documento valioso, do ponto de vista social, político ou econômico de um determinado período.

A seqüência da leitura de Crabbé²⁶, permitiu a compreensão da cronologia temporal dos estudos epistolares que obedecem a uma determinada formação. A correspondência desenvolveu-se a partir do século III antes de Cristo, como atestam os diversos papiros encontrados, mostrando-se estes uma valiosa fonte de estudos. Marco Túlio Cícero, ao documentar a vida política, moral e espiritual dos romanos, deixou-nos

²⁶ Rocha, 1965:19-20

os primeiros modelos de epístolas. Conservaram-se oitenta, cerca da metade das que produziu, sobretudo endereçadas ao amigo Ático.

As quatorze epístolas de São Paulo formam o primeiro registro de Cristo e sua doutrina, anterior aos Evangelhos. Trata-se de comunicações particulares endereçadas a comunidades restritas, como as dos Romanos, Coríntios, Felipenses e Hebreus.

Com Petrarca tem início a era da epístola humanística, importante instrumento de divulgação de idéias. Foi o primeiro a reunir tais produções em livro, ordenando-as em três coleções. Para tanto, efetivou diversas mudanças no texto original, ora melhorando a forma, ora introduzindo coisas que não escrevera, ora retirando alguns nomes para não comprometer os destinatários.

Crabbé Rocha²⁷, esclareceu ainda que a epístola teve papel importante nas literaturas francesa e inglesa, destacando também o valor literário das cartas escritas por Voltaire (1713 a 1778) e Flaubert (1852 a 1893).

O século XVII e a primeira metade do XVIII são a época do esplendor da carta. Em Portugal, salienta-se a carta em prosa. É desse período a *Carta de Guia de Casados*, escrita em 1651, por D. Francisco Manuel de Melo, contemporâneo de Mariana Alcoforado. Trata-se de uma espécie de cartilha, um tratado, onde a mulher aprende a comportar-se no âmbito social – cuidando do lar, da família e, principalmente, do marido. O autor a retocou, ordenando-lhe a publicação.

“Diz-me v.m. que se casa e que lhe dê eu, para se governar nesse seu novo estado, alguns bons conselhos. Esta é uma das cousas de que eu cuido que falta mais quem a peça, que a dê.

²⁷ Rocha, 1965:26-29

Pois por certo que aquele que deseja bons conselhos, já parece que deles não necessita.”²⁸

As cartas de D.Francisco Manuel serviram de orientação para homens e mulheres no governo da casa, do casamento, da vida conjugal e ocasiões em que houvesse perigos. Em contraposição, pode-se dizer que as cartas atribuídas a Mariana Alcoforado são confessionais, íntimas e expressam a clausura de uma mulher. E as autoras de *Novas Cartas Portuguesas* dialogam com essas cartas, trazendo a público os ideais revolucionários da mulher portuguesa em contraposição ao modelo moral da sociedade patriarcal.

“Inevitavelmente, passamos de amor à história e à política, e aos mitos que calçam circunstâncias históricas e políticas (...) porque relação a dois, e não só casamento, é mesmo base política de modelo da repressão; porque se mulher e homem se quiserem sós e nos seus sexos, logo isso é sabido como ataque à sociedade que só se junta para dominar.”²⁹

Na leitura de *Novas Cartas Portuguesas* observou-se que seus diferentes textos apresentavam uma relação com a classificação elencada por Francisco Rodrigues Lobo, na obra *Corte na Aldeia*³⁰, que divide em três gêneros as missivas, o primeiro dizendo respeito a “*cartas de negócio e das cousas que tocam à vida, fazenda e estado de cada*

²⁸ Melo,1651:111

²⁹ Barreno,Costa,Horta,1974:102

³⁰ Lobo,1610:51

um, que é o para que as cartas primeiro foram inventadas; que, por tratarem de cousas familiares, se chamaram assim". Dividem-se em cartas domésticas, civis e mercantis.

“ Antonio

Espero que esta carta te vá encontrar de boa saúde em companhia de tua mãe, minha madrinha e na da tua irmã Joana, que eu por enquanto eu cá me tenho safado sem mal pior graças a Deus.

Como eu tinha te prometido aqui estou a mandar-te umas linhas por via de te dizer para veres com o que contas se vieres a calhar a estes sítios que podiam ser melhores...Peço-te da minha parte que trates com ela ma pelo jeito do bem que pelo mal já sabes que não se leva a melhor com a Joana.

Por hoje não te chateio mais dá recomendações à tua mãe minha madrinha e tu recebe um aperto de mão deste que se despede assina,

José Maria³¹,

No segundo gênero elencado, que também se pode encontrar na obra das Três Marias, estão as *“cartas dentre amigos uns aos outros, de novas e cumprimentos de galantarias, que servem de recriação para o entendimento e de alívio e consolação para a vida”*. Dividem-se em cartas de novas, de recomendação, de agradecimento, de queixumes e de desculpa:

³¹ Barreno,Costa,Horta,1974:227-229

“Quantos milhares de anos somam estes três meses? E, no entanto, quando zarpaste, eu não estava (e alguma vez estarei?) segura de nada. É assim a ausência da mãe da falta, deste vazio fundo em que me vadio por aí com tudo e com todos? Ou é antes no contraste de ti com isto, o que resta, o silêncio do resto, estas noitadas por aí à balda...

Antonio, eu quero ir-me embora e quero tanto que voltes. Que mal fizemos para nos criarem para reizinhos de tronos à venda, que mal fizemos para termos ainda as Áfricas entre nós e nós...? Jê t’aime.

Mariana”³²

O terceiro gênero engloba “*matérias mais graves e de peso, como são de governo da República e de matérias Divinas, de advertências a Príncipes e senhores e outras semelhantes*”. Dividem-se elas em cartas Reais, em matérias de Estado, cartas públicas, inventivas, consolatórias, laudativas e persuasórias. Nesse gênero de missiva, as escritoras de *Novas Cartas Portuguesas* inseriram em sua obra dois textos que podem caracterizar esse segmento classificatório:

“O Conselho Médico-Psiquiátrico do Hospital de (...) foi incumbido de examinar o estado mental de Mariana A., que deu entrada na tarde de 16 de agosto do ano de (...) neste hospital onde ficou internada”³³

³² Barreno,Costa,Horta,1974:245

³³ Barreno,Costa,Horta,1974:188

“Código Penal Português.

Artigo 372.º.

(O adultério e corrupção de menores como provocação).

<<O homem casado que achar sua mulher em adultério, cuja acusação lhe não seja vedada nos termos do artigo 404.º, & 2.º, e nesse acto matar ou a ela ou ao adúltero, ou a ambos, ou lhes fizer alguma das ofensas corporais declaradas nos artigos 360.º, n.os 3. A 5., 361.º e 366.º, será desterrado para fora da comarca por seis meses.”³⁴

Esse exercício comum de escrever cartas, escrever entre si, reuniu três mulheres com o intuito de construir uma obra simulando o gênero epistolar. Mulheres que fazem dessa irmandade um trabalho coletivo para tornarem públicos os ideais da mulher portuguesa. E é nesse escrever, faltando assinaturas, atribuindo créditos a Mariana numa suposta autoria, que elas entretecem passado e presente, carta por carta, palavra por palavra, para reler a identidade portuguesa sob o prisma feminino.

³⁴ Barreno, Costa, Horta, 1974:320

2.1. AS CARTAS PORTUGUESAS ATRIBUÍDAS A MARIANA.

“(…) – provar que Mariana nunca foi mais que seu convento e que o senhor de Chamilly apenas ele foi pretexto de vir escrevendo a nosso encontro – a casa das mulheres “de ciência e prosa e nome aceitei”, que são sem definir-se por ou de para algum desejo e sempre contra?”³⁵

A autoria das *Cartas Portuguesas*, um dos núcleos principais da intertextualidade da obra, é duvidosa.

A primeira publicação das cartas foi na França, em 1669, ainda em vida de Mariana, e pesquisadores acreditam que “*talvez*” a tradução tenha sido pedida pelo próprio Marquês, sendo editada em todas as línguas. A primeira edição portuguesa só aparece em 1810.

Ainda na questão de autoria das cartas, Katherine Vaz³⁶, salienta que, nos salões franceses da época,

“alguém insinuou que fora Noel de Buton que escrevera as cartas para as impressionar, mas uma das damas logo o atalhou que nem o Marquês de Chamilly nem um outro homem podia conhecer uma mulher assim tão bem, acrescentando que queria ter cópias daquelas cartas para poder lê-las quando se sentisse melancólica.”

³⁵ Barreno, Costa, Horta, 1974:38

³⁶ Vaz, 1998:192

Nos estudos feitos por Luciano Cordeiro, tomou-se conhecimento também do provável período em que a freira se propôs a escrever para o cavaleiro francês: de dezembro de 1667 a princípio de junho de 1668. É possível que tenha havido essa correspondência com Noël de Bouton, Marquês de Chamilly. A carta, nesse caso, seria o elo de ligação entre os dois: Mariana, reclusa em um convento em Portugal; Noël, livre pelos salões da França.

Na leitura das *Cartas Portuguesas* observou-se o prolongamento do diálogo por parte da suposta autora:

“(...) Adeus! Não posso largar este papel! Ele cairá nas tuas mãos (...)”³⁷

Ou ainda:

“(...) Adeus mais uma vez! Escrevo-te estas cartas longas demais; não tenho suficiente respeito por ti (...)”³⁸

Por fim:

“(...) Mas acabou por ser demasiado extravagante, e é preciso acabá-la. Ai de mim! Não está nas minhas mãos resolver-me a tal! Parece-me que te estou a falar quando te escrevo e que tu me estás um pouco mais presente (...) Adeus! Tenho eu mais dificuldade em terminar a carta do

³⁷ Figueiredo, 1974:21

³⁸ Figueiredo 1974:49

que tu tiveste em me deixar (...) Eu escrevo mais para mim do que para ti, e aquilo que procuro é consolar-me. Por isso vais-te assustar com a extensão de minha carta e nem chegarás a ler (...)”³⁹

A extensão e o conteúdo, através de algumas linhas de quem supostamente as escreveu, reclamam do destinatário a mesma conduta, cartas extensas e variadas, o que visivelmente não acontece:

“Embora lhe devolva suas cartas, guardarei cuidadosamente as duas últimas que me escreveu e hei-de lê-las ainda mais vezes do que li as primeiras, a fim de não voltar a cair nas minhas fraquezas.”⁴⁰

Ou ainda:

“(...) Toda a gente está impressionada com meu amor. Só tu permaneces nesta profunda indiferença, sem me escrever senão cartas frias, cheias de banalidades: metade do papel vem em branco e parece que estás morto por acabar depressa.”⁴¹

Por fim:

³⁹ Figueiredo, 1974:74-75

⁴⁰ Figueiredo, 1974:99

⁴¹ Figueiredo, 1974:65

“(…) Os seus impertinentes protestos de amizade, e as delicadezas ridículas da sua última carta mostraram-me que recebera todas as que lhe escrevi e que elas não provocaram no seu coração nenhuma emoção, apesar de as ter lido. Ingrato! E ainda sou tão louca que me sinto desesperada por não poder que elas lhe não tinham chegado e que não lhe as tinham entregado!”⁴²

Os estudos feitos por Maria da Graça Freire, definem que a freira oscila entre o dever religioso, gravado (...) no fundo do inconsciente, e a força dominadora do instinto dando-lhe aos sentimentos impulsos desencontrados e inéditos nesse tempo.

Essa dúvida de autoria aquece o imaginário português e instigou as Três Marias a dialogarem com as supostas cartas atribuídas à Maria, entretecendo presente e passado.

Katherine Vaz, ao tratar da autenticidade das *Cartas Portuguesas*, descreve a trajetória minuciosa quando da publicação das cartas em francês, o que denota o interesse comercial do próprio destinatário:

“Cópias das cartas continuavam a ser distribuídas por França. Um livreiro parisiense, Claude Barbin, contactou-o e declarou-lhe que o estilo das cartas era revolucionário pela prosa isenta da pieguice e sentimentalismo dos livros da época. Noel de Bouton apreciou o elogio, mas mostrou-se prudente. Barbin insistiu que as cartas tinham o aroma do corpo nu de uma mulher, eram escandalosas e ferozmente ingênuas. Sendo a sociedade francesa tão pretensiosa e reservada, o ambiente era

⁴² Freire, 1998:25

propício a uma ponta de audácia, a um pouco de ardor do Sul. A publicação das cartas fá-los-ia ganhar bom dinheiro. Era curioso encontrar uma mulher que falava do amor com a sensibilidade do seu sexo, mas com uma franqueza de homem. Barbin considerava isso mais notável e comercialmente mais prometedo do que o facto de ser escrito por uma freira.

Barbin aconselhou Noel a tomar uma decisão rapidamente. Outros editores estavam a tentar adquirir direitos sobre as cartas. Um editor holandês de visita a Paris ouvira alguém ler algumas das cartas e manifestara o seu entusiasmo. Alguns editores ingleses e italianos também se mostravam interessados.

Barbin propôs então que, com o consentimento do marquês de Chamilly, ele obteria, através de um privilégio real, os direitos para a publicação exclusiva das cartas em Paris durante um prazo de cinco anos e que lhe pagaria uma percentagem previamente combinada sobre as receitas.”⁴³

Afonso Sardinha, filósofo, historiador e político português, por volta de 1910, iniciou uma grande ofensiva contra a origem portuguesa das *Cartas*, classificando-as como antinacionalistas, tendo elas o único objetivo de ferir as instituições veneráveis, com um obstinado prazer sádico glorificando uma paixão sacrílega. Sardinha considerou as *Cartas* “*pecado romântico e antinacional*”. Não poderiam pertencer à inteligência portuguesa, porque nelas via marcas de estrangeirismos, que, no entanto, não foram confirmados.

⁴³ Vaz, 1998:192-193

Manuel Ribeiro, em sua obra esclarece que o erro de Afonso Sardinha foi propor as Cartas como um produto da ideologia e da literatura ultra-romântica da época:

“Mariana não negava a pena como Bernarda de Lancastre ou Soror Violante do Céu. A índole ativa e orgulhosa da mulher de raça, um forte e reto coração que se sente maltratado, uma fina sensibilidade que o ludíbrio e o ultraje atiçaram e exasperaram, eis o que deu grandeza e vigor ao quadro em que Mariana debruçou a sua tragédia. O que surpreendeu os meios literários em França, que logo taxaram as Cartas da Religiosa de produto exótico, doutros climas, foram os ímpetos descompostos da pena, a falta de mesura que traía o desábito dos salões, uma dignidade que verga ao amor mas não se roja ao amante, enfim a ausência desse sentimentalismo terno e adocicado que é a marca do espírito e do charme da mulher francesa. Mariana, a portuguesa, é bárbara assomadiça, recalcitrante (...) Se elas (as Cartas) alcançam a categoria de obra prima literária não é porque as tenha escrito uma pena experiente e apurada. Um mestre de composição aponta nelas muitas faltas. A crítica acha-as fora dos cânones consagrados e não pode recomendá-las como modelos da arte de bem escrever. As Cartas valem porque são belas, independentemente da forma em que foram vasadas. Valem porque são verdadeiras, desartificiosas, naturais, ditadas antes pelo coração do que pelo espírito.”⁴⁴

⁴⁴ Ribeiro, 1940:282-283

Segundo Ribeiro, era consenso entre os estudiosos do assunto a afirmação de que a freira de Beja não pensou em fazer literatura. E sendo Mariana considerada por eles a autora, o que deu valor artístico às *Cartas* foi:

“a vivacidade de expressões, a desordenada escrita da epistológrafa que não conhecia regras porém escrevia o que lhe vinha à mente e “a imaginação ardente da freira, o seu talento vivaz”, uma formidável mobilidade psíquica, que supriram a falta de cultura que ela não podia adquirir num convento provinciano, de mulheres de sangue ilustre é certo, mas de muito poucas letras, a maior parte delas enclausuradas em meninas e entregues a mestras que não iam além do abecê, dalguns rudimentos de solfejo e do latim que bastasse para silabar os textos dos oficiais.”⁴⁵

Ribeiro (1940) deixa claro que, apesar de extenuante pesquisa, verificou faltar boa parte da documentação, destroçada pelo tempo. No entanto, crê que Luciano Cordeiro assentou as bases da historicidade de Mariana fixando-a no real espaço português e na autoria das *Cartas*:

“Verificar-se-á então que nada sobreveio que pusesse em risco ou sequer abalasse os fundamentos da tradição. Nem portugueses nem estrangeiros conseguiram arrancar uma só pedra ao movimento em que se ergue uma das mais representativas figuras do espírito português. As “Cartas” persistem em ser nacionais. “As Portuguesas” continuam a

⁴⁵ Ribeiro, 1940:304

afirmar Portugal em todo o mundo. A alma branda da raça mas de orgulho indômito, o sentimento amoroso da gente lusa, perpassam palavras que se perderam, é certo, mas que se conservam na voz alheia a inconfundível vibração nativa, o ardor do coração português que as abrasou.”⁴⁶

⁴⁶ Cordeiro, 1891:87

2.2. O CONVENTO, UMA INSTITUIÇÃO TOTALITÁRIA.

A leitura de *Manicômios, Prisões e Conventos*, de Erving Goffman, permitiu dimensionar os mecanismos essenciais das instituições totalitárias.

Ao conceituar “*instituição totalitária*”, Goffman procura caracterizá-la como um estabelecimento sujeito a um conjunto de regras capazes de direcionar a vida dos seus “*reclusos*”:

“Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada (...) Distingue-se das outras instituições, apesar das “tendências abrangentes” de qualquer instituição, e apesar de sua tendência a “apropriar-se” de uma parte do tempo e do interesse de seus membros e (constituir) para eles um verdadeiro mundo.” ⁴⁷

Goffman estabelece também os traços mais importantes dessas instituições, em que todos os aspectos da vida dos “*reclusos*” se desenrolam no mesmo lugar e sob a mesma autoridade; toda atividade é exercida em conjunto com numerosos indivíduos, todas as fases da vida são programadas e várias atividades são previstas por meio de um único plano.

⁴⁷ Goffman, 2005:11-16

Ao se pensar na ditadura salazarista, que atingiu o povo português durante mais de quarenta anos, pode-se perceber que esse regime procurou manter algumas características das instituições totalitárias definidas por Goffman.

Para se compreender essa relação, fez-se a leitura da obra de Lincoln Secco⁴⁸, que descreveu o processo revolucionário português.

Após o golpe de maio de 1926, que derrubou os dezesseis anos da Primeira República, instalou-se em Portugal um regime político chamado de *Estado Novo*, depois conhecido como *Ditadura Nacional*, e que teve dois chefes governamentais: até 1968, Antonio de Oliveira Salazar e, nos cinco anos subsequentes, Marcelo Caetano.

Segundo Lincoln Secco, esses dois governantes detiveram o poder pessoal e instalaram em Portugal um sistema de autoritarismo em que os partidos foram proibidos, as forças armadas passaram a depender da hierarquia do governo e até mesmo a Igreja Católica perdeu os privilégios que usufruía anteriormente a 1910.

A partir de 1945 e, especialmente, no começo da década de sessenta, esse regime sofreu uma transformação e enfrentou os movimentos de oposição dos operários, dos partidos conservadores, dos adeptos monárquicos e da Igreja Católica. A guerra colonial ou das Campanhas da África, que teve seu início em 1961, também contribuiu para que houvesse transformações no regime político português.

Lincoln Secco cita, em sua obra, que as Forças Militares, recebendo o apoio dos republicanos do antigo Partido Socialista, saíram em defesa do espaço português.

A Revolução dos Cravos, em 25 de Abril de 1974, foi um acontecimento sem grandes violências, mas que alterou toda a estrutura política e econômica portuguesa. Em julho de 1975, foi publicada a lei que estabeleceu o direito das colônias à

⁴⁸ Secco, 2004:115

independência. Com a descolonização, Portugal tomou novos caminhos e entrou para a União Européia.

Não é difícil relacionar essas considerações a respeito da caminhada revolucionária dos portugueses aos textos da obra *Novas Cartas Portuguesas*.

Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa escreveram-na no regime salazarista, ditatorial, fechado e totalitário. Foram julgadas e condenadas pela publicação de uma obra considerada imoral, ousada e transgressiva, na qual questionaram a opressão sofrida não somente pelas mulheres, mas por todo o povo português.

Esse processo revolucionário e esse regime totalitário que aparece na obra das Três Marias pode-se encontrar características no estudo que Erving Goffmann fez sobre instituições totalitárias, publicado na obra *Manicômio, Prisões e Conventos*. A instituição religiosa é caracterizada como um *estabelecimento destinado a servir de refúgio do mundo*, embora saibamos que também servisse de depósito de mulheres. Goffman define que:

“Toda instituição tem tendências de “fechamento” (...) Seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira à relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas”⁴⁹

⁴⁹ Goffman, 2005:16

O aspecto central de uma instituição fechada ou total está centrado nas regras e políticas adotadas, que devem ser seguidas por todos os que convivem num local com extrema vigilância. Goffmann caracteriza essa política da instituição:

“(...) todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade (...) cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande (...) todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva um tempo pré-determinado (...) as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição”⁵⁰

No convento onde viveu Mariana Alcoforado não passou despercebido o sofrimento moral e físico da freira que *“durante trinta anos fez ásperas penitências”*, conforme assento número 125, referente ao óbito de Mariana Alcoforado, descoberto e publicado em fotocópia por Luciano Cordeiro. Conformou-se com a sina, como anunciara ao final de sua quinta carta:

“Concordo em que tem sobre mim grandes vantagens e que me inspirou uma paixão que me fez perder a razão. Mas pouco pode envaidecer-se com isso: eu era jovem, era crédula, tinham-me encerrado neste convento desde a minha infância, só tinha visto pessoas desagradáveis, nunca ouvira as lisonjas que sem cessar me dirigia. Parecia-me que era

⁵⁰ Goffman, 2005:17-18

a si que eu devia os encantos e a beleza que dizia encontrar em mim e de que me fazia dar conta. Ouvia falar bem de si, toda a gente me falava em seu favor e, pela sua parte, fazia quanto era preciso para despertar o meu amor.

Mas, finalmente, regressei deste encantamento. Embora lhe devolva as suas cartas, guardarei cuidadosamente as duas últimas que me escreveu, e hei-de lê-las ainda mais vezes do que li as primeiras, a fim de não voltar a cair nas minhas fraquezas.”⁵¹

Essa é a mulher que Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa retomam na obra *Novas Cartas Portuguesas*, fazendo uma releitura da identidade portuguesa, entrelaçando presente e passado, revelando uma pessoa ao mesmo tempo submissa e transgressora, na sua época.

⁵¹ Figueiredo, 1974:97-99

Capítulo 3 – O SUJEITO FEMININO-ERÓTICO

A pesquisa de leitura de *Novas Cartas Portuguesas* conduziu a análise dessa obra inclusive para a questão do erotismo, intrinsecamente ligado à constituição do sujeito feminino.

Ao questionarem, na construção de seus textos, a condição e a opressão sofridas pela mulher submetida ao domínio e ao desejo do homem, as autoras procuraram revelá-la revolucionária e transgressiva, passando a construir uma nova identidade, abrindo espaço para o surgimento desse sujeito feminino e erótico.

Com o estudo da obra de Michel Foucault, *A Constituição do Sujeito*, foi possível entender essa abordagem, realizada pelas autoras Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa.

Segundo Foucault⁵², o sujeito é o tema central de suas pesquisas, porém é a constituição do sujeito moderno que o impulsionou a distinguir dois eixos centrais nesse seu trabalho: os modos de objetivação e os modos de subjetivação do indivíduo, mecanismos de construção nos processos de sua constituição. O primeiro eixo estuda a "*genealogia do indivíduo moderno enquanto objeto*"; o outro permite a compreensão da constituição do indivíduo moderno como sujeito, ou seja, "*o indivíduo preso à sua própria identidade pela consciência de si*". O primeiro procura mostrar "*as práticas que dentro da nossa cultura tendem a fazer do homem um objeto, ou seja, mecanismos disciplinares que constituem um indivíduo moderno em objeto dócil e útil*". O segundo eixo focaliza o homem como sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída.

⁵² Foucault, 2003:22-24

Foucault ainda esclarece que esses dois processos concorrem simultaneamente para a constituição do indivíduo, ou seja, um indivíduo moderno, "*dócil-e-útil e sujeito*".

Novas Cartas Portuguesas explorou esses dois processos estabelecidos pelo filósofo francês Michel Foucault, ao projetar o sujeito feminino construindo a sua própria identidade, participando de movimentos feministas, desafiando regras sociais e políticas e, mesmo assim, não deixando de exercer todas as atribuições características da mulher. Essa nova identidade reflete a questão erótica feminina, também presente no diálogo mantido pelas autoras com as cartas atribuídas à freira Mariana Alcoforado, uma mulher circunscrita a uma instituição fechada, que se revela transgressora para a sua época.

Um ponto a ser estudado antes de se falar em erotismo está na questão de gênero, que aparece na escrita feminina dos anos 60 e 70 como diferença sexual. A leitura de *Tendências de Impasses - A Tecnologia do Gênero*, estudo apresentado por Teresa de Laurentis e organizado por Heloisa Buarque de Holanda⁵³, explicita que gênero, com ênfase no sexual, pode ser entendido como diferença entre a mulher e o homem, o feminino e o masculino:

“e mesmo os conceitos mais abstratos de "diferenças sexuais" derivados não da biologia ou da socialização, mas da significação e de efeitos discursivos acabam sendo em última análise uma diferença (da mulher) em relação ao homem -- ou seja, a própria diferença no homem.”

No conceito de Teresa de Laurentis, que se reporta ao dicionário para esclarecer

⁵³ Holanda, 1994:207

o significado do termo, "*gênero*" é

“Na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, a um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação, ou, se me permitirem adiantar-me, constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer...Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (...)

O sistema de sexo-gênero, enfim, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição de parentesco, status dentro da hierarquia social etc.) a indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que trazem consigo diferenciais, então o fato de alguém ser representado ou se representar como masculino ou feminino subentende a totalidade daqueles atributos sociais.”⁵⁴

Essa conceituação da autora, que separa a idéia de gênero como diferença sexual (homem/mulher), aparecendo como uma relação social, identifica-se na idéia de construção de um sujeito feminino.

O gênero é situado como o tema central a teoria feminista pós-moderna. Nas relações de gênero, dois tipos de pessoas são criados: homem e mulher. Embora o masculino represente a dominação, ele também é governado pela relação de gênero,

⁵⁴ Laurentis, 1994:210-213

considerando a perspectiva das relações sociais.

Segundo a leitura de Flax, o gênero pode ser analisado dentro das práticas sociais concretas que são variáveis conforme a cultura, idade, classe, raça e época. Não se pode presumir uma determinada cultura tenha uma única causa para as relações de gênero. Embora muitas feministas tenham procurado explicações causais como a organização da produção ou a divisão sexual postulada pelas feministas socialistas, Flax considera falho este pensar no que se refere à aplicação dos conceitos marxistas de trabalho e produção. Esses conceitos deturpam ou excluem muitos outros tipos de atividades, principalmente aquelas praticadas tradicionalmente por mulheres, principalmente as francesas, dão ênfase na centralidade da linguagem para entender a construção do gênero.

Para a crítica a concepção de masculino e feminino é internalizada pela nossa cultura. Se não houver uma visão social do gênero, não será possível identificar as variedades e limitações de diferentes poderes e opressões de mulheres e homens. Nesse sentido, Flax afirma que é preciso recuperar e explorar os aspectos de relações sociais que têm sido suprimidos ou desacreditados dentro da cultura dominante.

Para a crítica, é preciso saber como as atividades consideradas femininas são afetadas e como produzem, possibilitam ou compensam as consequências das atividades masculinas. Além disso, Flax considera importante evitar ver sempre a mulher como um ser totalmente inocente e passivo. Como um discurso, a teoria feminista devia “...estimular a tolerar e interpretar a ambivalência, a ambigüidade e a multiplicidade, bem como a expor as origens de nossas necessidades de impor ordem e estrutura, não importa quão arbitrárias e opressivas essas necessidades possam ser.”

Segundo Linda Hutcheon⁵⁵ é preciso observar que as narrativas de ficção feministas denunciam a “tirania do sexo”, entre outras formas de rebaixamento. As mulheres devem criar e defender sua própria comunidade, baseada em seus próprios valores. A questão da mulher no contexto do pós-modernismo se alia à questão da classe e de raça, como Hutcheon nota nos textos de autoria de mulheres analisados em seu livro. Na mesma linha de pensamento de Jane Flax, a crítica defende a idéia de que a arte pós-moderna é marcada sempre pela consciência da diferença, que também pode estar dentro de um agrupamento, ou seja, as diferenças definidas pela contextualização ou posicionamento em relação à pluralidade dos outros. Nesse caminho, ela aponta a teoria feminista como um exemplo evidente dessa consciência das diferenças:

“Talvez a teoria feminista apresente o exemplo mais evidente da importância de uma consciência sobre a diversidade da história e da cultura das mulheres: suas diferenças de raça, grupo étnico, classe e preferência sexual. Naturalmente, ela poderia ser mais precisa e falar sobre feminismo, no plural, pois existem muitas orientações diferentes que se incluem na designação geral do feminismo”⁵⁶

A autora cita as mais diversas linhas de pensamento e afirma que todos esses feminismos integram teoria e prática de tal forma que influenciaram profundamente o discurso pós-moderno. Nas práticas artísticas pós-modernas já não se separa o discurso teórico do artístico. Nesse sentido, Hutcheon coloca que:

⁵⁵ Hutcheon, 1991:35

⁵⁶ Hutcheon, 1991:96

“Os ex-cêntricos tem-se inclinado a afirmar, concordando com Teresa de Lauretis, que a subjetividade é constituída pelo envolvimento pessoal e subjetivo do indivíduo nas práticas, nos discursos e nas instituições que dão relevância (valor, sentido, afeto) aos acontecimentos do mundo.”⁵⁷

Sobre a prática das autoras femininas, Hutcheon coloca que muitas escritoras feministas usam da intertextualidade e da paródia com a finalidade de desafiar tradições. As feministas usam esses procedimentos estéticos, considerados pela crítica como pós-modernos, de forma tanto estética como ideológica. Ela afirma que a paródia é mais do que uma simples estratégia, pois é fundamental para que a “duplicidade” possa ser relevada. Em muitas obras feministas nas quais esses procedimentos aparecem, a crítica observa que “...a importância da paródia só fica evidente quando o leitor percebe a inversão do sexo e da raça efetuada pro sua ironia...”

Hutcheon afirma que a crítica pós-moderna é “um animal paradoxal” e questionador, pois descentraliza discursos dominantes, no sentido de repensar as margens, rompendo com os conceitos totalizantes:

“Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universidade totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções – como, por exemplo, as de gênero – começam a ficar visíveis”⁵⁸

⁵⁷ Hutcheon, 1991:97

⁵⁸ Hutcheon, 1991:86

Talvez seja exatamente porque as contradições começam a se tornarem visíveis que Heloísa Buarque de Holanda coloca que a insistência da presença da voz feminina é um dos traços mais salientes da cultura pós-moderna. Ela realça que a crítica feminista é uma tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político que tem se afirmado nas últimas décadas, contrariando a concepção de que nas últimas décadas do século XX tem se consolidado o fim das ideologias. Segundo Heloísa, a crítica feminista ganha importância a partir da década de setenta com os debates e movimentos nos planos político e acadêmico. Ela destaca, no político e social, a influência dos movimentos étnicos, raciais, das mulheres e outras minorias oprimidas. Já no plano acadêmico, destaca a força do pensamento dos filósofos pós-estruturalistas, como Foucault, Barthes, Kristeva, etc. que discutem a crise e descentralização da noção de sujeito. Assim, a marginalidade, alteridade e diferença entram no debate acadêmico. Entretanto, Buarque de Holanda revela importantes distinções entre as concepções da crítica feministas e as teorias pós-modernas como o pós-estruturalismo. Em contraposição, a crítica feminista insiste na necessidade de uma luta pela significação, enquanto se fala em fim da história, do social e do político.

Na concepção de Teresa de Lauretis, o sujeito feminino em construção, além de ter toda a representação da essência feminina (Natureza, Mãe, Objeto do Desejo etc.) surge também como ser real, histórico e social, engendrado nas relações sociais.

Essas são as mulheres que emergiram da obra *Novas Cartas Portuguesas*: um sujeito feminino em construção, participante, desafiador e consciente dessa dupla visão da ideologia do gênero, um sujeito feminino que deixa transparecer um erotismo que há muito estava oculto.

O estudo da questão erótica na obra escrita por Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno obedeceu às leituras dos estudos feitos por George Bataille, Michel Foucault, Marilena Chauí, Michelle Perrot, entre outros.

George Bataille, em sua obra *O Erotismo* define objetivamente erotismo como "um dos aspectos da vida interior do homem" e acrescenta que "O erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão, ou seja, o objeto do desejo"⁵⁹. Conhecer o erotismo exige uma experiência pessoal, igual e contraditória do interdito e da transgressão.

Segundo Bataille⁶⁰, "a proibição e a transgressão existem, porque o ser humano pertence a dois mundos: o do trabalho e da razão (proibição) e o da violência (transgressão)". Afirmar ainda que:

“... o ser humano não é totalmente dominado pelo mundo do trabalho, pois sempre subsiste um fundo de violência natural. Não há, portanto, proibição que não possa ser transgredida: Proibição e transgressão correspondem a dois movimentos contraditórios: a proibição rejeita, mas o fascínio introduz a transgressão.”⁶¹

Para Michel Foucault sexualidade e erotismo se opõem. Erotismo é variação constante, é invenção; sexualidade é, de fato, construída na cultura, de acordo com os objetivos políticos da classe dominante. Para ele, há dois paradoxos:

“As proibições e regulamentações dos comportamentos sexuais, ditados pelas autoridades religiosas, legais ou científicas, longe de constranger ou reprimir a sexualidade, produziram-na e continuam a produzi-la, da mesma forma que a máquina industrial produz bens e artigos, e, ao

⁵⁹ Bataille, 1987:27

⁶⁰ Bataille, 1987:60

⁶¹ Bataille, 1987:60

fazê-lo, produz relações sociais.”⁶²

No erotismo, há uma irresistível atração pelo proibido, que não recai sobre o objeto. É justamente a proibição que pesa sobre o objeto que o torna desejável. O diálogo que as autoras de *Novas Cartas Portuguesas* mantêm com as *Cartas Portuguesas*, atribuídas à freira Mariana Alcoforado, traz à luz uma mulher fechada numa instituição religiosa, porém uma mulher *desejante* e desejada.

“Que interessa então Mariana as mãos que o encaminham? Se as suas lhe descem lentas pela anca, se as dele que a legaram de improviso (...) Quebra-se, pois, a clausura (...) Compraz-se Mariana com seu corpo.”⁶³

Bataille afirma que o erotismo como atividade humana é considerado infração às regras proibidas, pois a civilização adota o “*proibir*” justamente para manter os instintos sexuais sob controle:

“Na esfera humana, a atividade sexual desliga-se da simplicidade animal. Ela é essencialmente uma transgressão. Não se trata, depois do interdito, de voltar à liberdade primeira. A transgressão é o acontecimento da humanidade organizado pelo trabalho. A própria transgressão é organizadora. O erotismo, é, no seu todo, uma atividade organizada e é na medida em que é organizado que ele muda através

⁶² Foucault, 1984:16

⁶³ Barreno, Costa, Horta, 1974:49

dos tempos.”⁶⁴

A partir desse conceito de transgressão, pode-se dizer que os vestígios do proibido nas sociedades modernas passam pela luta de libertação sexual que as mulheres defendiam e defendem até hoje.

“E o erotismo, senhores, e o erotismo? Em quase todos os livros chamados eróticos que por hoje abundam, il n'y a pas de femmes libres, il y a des femmes livrées aux hommes. É essa a libertação que os homens nos oferecem, de repouso do guerreiro passamos a despojo de guerra.”⁶⁵

Ao se estudarem as definições de erotismo, de sexualidade, de proibição chega-se à repressão. O conceito de repressão sexual tornou-se mais concreto no século XIX e a reflexão sobre a sexualidade começa a ser encarada como um fenômeno mais global, envolvendo a existência humana. A repressão sexual diferencia-se bastante no tempo e no espaço, já que cada cultura lida com o sexo, articulando-o às suas formas próprias de representação.

Da leitura da obra *Repressão Sexual*, de Marilena Chauí⁶⁶, pode-se concluir que o interessante na longa discussão sobre o controle da sexualidade é que a repressão se realizou através do controle do ato sexual e, sobretudo, do corpo feminino. O papel sexual da mulher sempre foi passivo, o que de certa forma permanece em muitas culturas. Considerando a sexualidade feminina sob o ponto de vista do cristianismo, é

⁶⁴ Bataille, 1987:101

⁶⁵ Barreno, Costa, Horta, 1974:264

⁶⁶ Chauí, 1984:86-87

relevante insistir na sua relação mais contundente com a proibição, a qual ainda resiste, com grande força, em muitas sociedades. A sexualidade feminina foi sempre reprimida e se confunde com sua própria história. Com a luta pelas conquistas dos direitos de expressar e viver a sexualidade, a mulher vem quebrando os tabus sociais numa crescente independência, principalmente com o aparecimento de métodos anticoncepcionais mais eficazes e menos perigosos e até dominando as crenças e valores antigos, mudando sua posição de apenas procriar e revolucionando todas as questões pré-estabelecidas pelo homem.

Em *Novas Cartas Portuguesas*, o erotismo toma forma ao revelar a sexualidade feminina sem as interdições morais impostas ao comportamento social da mulher.

“Mergulhemos, caíamos até o fundo da vertigem.

Da tontura.

Utilizemos, meu amor, a loucura. Móvel, tão móvel (...)

E me tomas.

Te governo eu pela cintura e nos olhos.”⁶⁷

No pensamento feminino, amor e sexo sempre buscam estar em harmonia e, para as mulheres, a imagem do corpo é o receptáculo do prazer:

⁶⁷ Barreno, Costa, Horta, 1974:386

“Compraz-se Mariana com seu corpo. (..) Quebra-se pois a clausura: pelos seios ele a tem segura a rasgar-lhe os mamilo com os dentes (...) Recurva, tenso, o ventre: a língua entumescida. Dele a língua quente, áspera de saliva e o demorado sugar, rente, ritmado, a esvaziá-la devagar da vida.”⁶⁸

É marcante a presença do tato na obra. Explorar essa sensação e esse sentido dá movimento não só às palavras, mas aos amantes. Desaparece a mulher submissa e transborda o seu desejo. Rompe-se a imagem de virgem endeusada para dar lugar à mulher desejante, que revela suas sensações mais íntimas:

“Este prazer que abraço se te abraço e os teus dedos, me vão correr nos braços, nas coxas, pelos seios. - A que tontura me entrego e me demoro. Em que grito rasgado me debato e cresço, me acrescento e cresço, me enlouqueço e basto; ou não me basto e por isso te invento, reinvento, te faço, te desfaço em meu sustento.”⁶⁹

Dar voz à mulher, quando usa a palavra escrita, é libertá-la de um silêncio secular. A palavra desenha um corpo que quer ser descoberto, por isso expõe sem constrangimento o desejo de uma libertação sexual. A palavra desnuda o corpo e, através dela, passa-se a erotizar cada parte da mulher.

⁶⁸ Barreno,Costa,Horta,1974:43

⁶⁹ Barreno,Costa,Horta,1974:29

“(...) Pois bem se ama e bem amamos em exercício do corpo e belo prazer. Com palavras construiremos nosso amor, casa de resguardo e tempo de reflexão (...) E ingrata será a mulher que se nega a querer a quem a queira, determinada que está desde nascença, a ter sua vida à espera sem pelo menos conquistar direitos...Se tome Mariana que em clausura escrevia, adquirindo assim sua medida de liberdade e realização através da escrita; mulher que escreve ostentando-se de fêmea enquanto freira, desautorizando a lei, a ordem, os usos, o hábito que vestia.”⁷⁰

Na leitura dos textos de *Novas Cartas Portuguesas*, percebe-se um erotismo bastante sutil, pois o processo de mudança da relação com a sexualidade é lento. Há uma evidente descoberta do corpo como instrumento do ritual erótico, sujeito do prazer com a finalidade em si mesmo, como sugere Bataille. O encontro dos corpos se dá pela sensação do tato. Os dedos se tornam o receptáculo do prazer, por isso são condutores do rito erótico que inventa o corpo como criação. A criação da imagem de intimidade consolida um antidiscurso masculino, que mantém a relação erótica homem/mulher, mas a prática sexual é um exercício de descoberta do outro, negando assim o exercício de poder, evidente no discurso masculino.

O corpo feminino também ganha voz quando coloca em xeque toda a problemática da condição feminina, quebrando o silêncio do corpo e da sexualidade:

“Lembra-te amor
de quando me despias:

⁷⁰ Barreno, Costa, Horta, 1974:89-91

os teus dedos correndo

lentamente:

lentamente afastavam e me abriam”⁷¹

Nesses textos, observou-se que a valorização do corpo integrada à busca da sexualidade marca a quebra da passividade feminina. A presença do corpo, que não aceita se calar, reflete o desejo de romper todas as barreiras. O corpo fala, os gestos deixam nua a marca por onde passaram as sensações, os olhares estão carregados de sentimentos, as mãos desenham e sublinham os caminhos percorridos.

Reportando-se ainda às leituras de Bataille, tem-se que o erotismo emergente na presença corporal aproxima a mulher da natureza, retomando a ligação ancestral entre ambas. A consciência de que o corpo humano é parte integrante da natureza revela a dimensão e mostra o “*eu*” feminino em perfeita sintonia com ela.

O sujeito feminino se coloca como explorador do corpo a ser conquistado como um território geográfico. Ao invadir o corpo metaforizado em natureza, o “*eu*” busca a harmonia dos corpos. A invasão inverte a idéia consolidada de que o humano e o animal se colocam no mesmo patamar, pois a sexualidade humana, independente das normas culturais, está muito próxima do instinto animal, como afirma Bataille. Ainda segundo ele, o erotismo é humano, entretanto a animalidade é sempre seu fundamento: “a transgressão da proibição tomou sentido dum regresso à natureza de que o animal é expressão”.⁷²

As Três Marias expressam esse corpo erótico também em seus versos:

⁷¹ Barreno, Costa, Horta, 1974:383

⁷² Bataille, 1987:84

“- De vossos peitos

senhora

estou de vós lembrado

- De tua boca em tê-los

e o medo

de perdê-los

- De vosso ventre

senhora

estou de vós lembrado...

- De vossas coxas

senhora

estou de vós lembrado...

- De vosso gemido

senhora

estou de vós lembrado

- De prazer o grito

menor

que o meu gemido

- De teu corpo

o campo

de meu corpo o canto”⁷³

A linguagem erótica, segundo Lúcia Castelo Branco, é uma recorrência na literatura feminina: "A capacidade de erotizar o discurso, ou escrever com o corpo, como num ato de entrega total, também é característica da escrita feminina".⁷⁴

Em *Novas Cartas Portuguesas* o erotismo vai mais além, pois se configura como ânsia libertária e também como inversão de papéis, o que lhe dá um tom de militância feminista. A voz feminista é presença que pretende revelar o desejo de libertação, uma verdadeira ânsia de liberdade:

“Chegou o momento em que nossa semente gerou, nossa espiral de entrepalavras se alargou, e de cada uma de nós se vem tornando menos o que fica fora... Mas a esta leitura é necessário acrescentar todos os sistemas de cristalizações culturais que vieram sustentando, reforçando, justificando e ampliando essa dominação da mulher (e não só essa dominação), porque a alteração da situação econômica e política, que agora nela se baseia,

⁷³ Barreno, Costa, Horta, 1974:123

⁷⁴ Branco, 1989:93

não traz necessariamente a destruição de todas as cristalizações culturais em que a mulher (...) se é guerrilheira sem angústias de futuro e junto de seus verdadeiros irmãos, ou se nestes presente ainda a raiz da traição, no diálogo de luta presente e na cidade futura; qual o sentido da liberdade, ou da sobrevivência, por que luta, se continuar a ser sexo de segunda ordem (...) para que o próprio erotismo, sua fictícia bandeira de libertinagem, é agressão à própria mulher.”⁷⁵

Michelle Perrot e Georges Duby⁷⁶, revolucionam a imagem feminina, afirmando que a mulher é cada vez mais mulher, aquela que quebra estereótipos e se propõe a uma realização pessoal, desafiando a sociedade e tomando a palavra, nessa ânsia de liberdade.

E o corpo, como símbolo de libertação, vai se consolidando na década de sessenta, num momento em que a luta revolucionária pela emancipação da mulher se torna cada vez mais visível. Como militantes dessa luta, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno fazem da sua obra o instrumento revolucionário, na qual o amor sexual se liberta das proibições, para expressar o desejo. O erotismo mais ousado nas palavras faz a revolução do corpo através da revolução da linguagem, que revela todas as facetas escondidas do desejo da mulher.

Nessa revolução da linguagem, o pronome "nós", que aparece nesse texto de *Novas Cartas Portuguesas*, é significativo para a escrita feminina, ao revelar a questão

⁷⁵ Barreno, Costa, Horta, 1974: 103-104

⁷⁶ Perrot, Duby, 1991-12

da igualdade. É uma forma de romper com a relação de força entre os sexos:

“E nós, e nós, de que, a quem o rumo, os dizeres que nem assinados vão, o tiro de mãos que mais de três não seja anônimo o coro? Oh quanta problemática prevejo, mana, existiremos três numa só causa e nem bem lhe sabemos disto a causa de nada e por isso as mão nos damos.”⁷⁷

A presença constante de objetos da casa, sobretudo da cama, reforça a idéia de que falar do espaço privado é uma prerrogativa do discurso de escrita feminina, tendo em vista sua história de reclusão.

“O hábito despido, na cadeira, resvala para o chão onde as meias à pressa tiradas, parecem mais grossas e mais brancas. As pernas, brandas e macias, de início, estiradas sobre a cama, soerguem-se levemente, entreabertas, hesitantes.”⁷⁸

Colocar esse universo privado em evidencia constitui a preocupação em mostrar a luta pelo direito ao prazer, como fica evidente em:

“Nos procuramos, vos procuramos entender porquê. Quem sabe que desmesurado anseio este, se temos não mais que um luxo, um acinte,

⁷⁷ Barreno,Costa,Horta,1974:14

⁷⁸ Barreno,Costa,Horta,1974:48

uma avidez: "pelo corpo deixo que a paixão me tome: o corpo ele próprio já essa paixão ou objecto dela, sua raiz, sua motivação, seu ócio. - Como não recordar tuas ancas estreitas e jamais te dizer paixão por elas? Assim, amo partes de ti, a ti por essa causa e de mim no contentamento de as ter, me comprazer com elas."⁷⁹

A força da imagem erótica dos corpos se expressa também no texto acima. As palavras direcionam para a descoberta das sensações que, mais uma vez, levam ao prazer. A libertação da palavra, que evidencia a linguagem do corpo como força erótica e amorosa, coloca em xeque os conceitos patriarcais e os princípios da moralidade herdados do cristianismo, principalmente no contexto da sociedade portuguesa. Essa celebração do erotismo amoroso é um ato de transgressão das normas que se quebram com a exposição da nudez da mulher. Esse desafio não encontrou um caminho harmonioso, pois essa obra fala da mulher marcada pelo protesto revelado na fala do corpo e que se mostra em constante luta.

A imagem descritiva em *Novas Cartas Portuguesas* afirma a posição do feminino como sujeito das experiências sexuais, evidenciando uma postura de luta corporal. São as palavras que revelam o discurso corpo-a-corpo, a luta das mulheres, numa obra com a marca do feminismo. Nela, o erotismo se torna ato político-feminino, numa presença voraz. A presença do corpo nos textos estudados marca a mudança e a transgressão femininas e as palavras identificam a revolução do próprio corpo.

A obra dialoga com o discurso da tradição portuguesa num ato político de luta contra conceitos patriarcais e contra todas as formas de repressão sexual. O resgate da história das mulheres através da erotização do corpo questiona também essa realidade

⁷⁹ Barreno, Costa, Horta, 1974:30

social. A voz feminina possui inclusive a função de unir arte e realidade social, numa atitude pós-moderna de redimensionar os valores que reproduzem as desigualdades sexuais e reafirmam as alteridades que as autoras de *Novas Cartas Portuguesas* expõem em sua obra.

A libertação da mulher e do corpo torna possível a afirmação de um universo pessoal e solidário de mulheres, uma conquista do espaço social e político de seres anteriormente subjugados ao domínio masculino. O erotismo que aparece na obra é, sem dúvida, revelador da sexualidade feminina reprimida.

Expressar essa sexualidade é o grande desafio das autoras. É revelar a percepção de mundo feminino e feminista, é considerar não só as marcas da diferença como também a escrita um instrumento de transformação de mentalidades.

Capítulo 4 - IDENTIDADE DO FEMININO

“Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da vida individual.”⁸⁰

Durante muito tempo, a história foi a dos homens, vistos estes como representantes da humanidade. No entanto o século XX traz uma mulher que tomou a palavra, cada vez mais mulher, desafiando as regras sociais e políticas, quebrando estereótipos e se propondo a uma realização pessoal com controle de sua identidade. A questão erótica, como vimos, é o núcleo dessa constituição do ser feminino, porém a questão da identidade é ainda mais vasta.

Na leitura de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir⁸¹, pode-se analisar o caminho da evolução e transformação da mulher. A formação da identidade feminina, que desde a Revolução Industrial se vinha tentando construir, só adquiriu forças depois da Segunda Guerra Mundial. O movimento feminista apresenta uma mulher que saiu da obscuridade a que o homem a condenou e conseguiu se autoconscientizar do seu papel social, abrindo espaço não só para a liberdade feminina, mas também para a formação do eu-feminino, que passa a ter vontades próprias, desejos, ideologias e um espaço para lutar por aquilo de que necessitava, sem depender dos desmandos masculinos. A mulher precisava de mais: havia nela um sentimento vazio, era algo que estava faltando, que só veio a ser preenchido quando começou a existir uma maior igualdade entre os sexos, ou

⁸⁰ Castells, 2002:26

⁸¹ Beauvoir, 2000:133-144

seja, quando ela passou a ter oportunidade de escolher qual o caminho a seguir, o que seria melhor para sua vida. Os movimentos feministas auxiliaram na formação de uma identidade feminina, fortalecendo aquele que, por séculos, foi considerado o sexo frágil, podendo a qualquer momento encarar uma batalha, contra os homens, pelos seus direitos.

Sob o reflexo dessas transformações, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa escreveram *Novas Cartas Portuguesas* e deixaram transparecer a inquietação, a sensibilidade e a emotividade de mulheres que, cheias de fibra, independentes e decididas, buscaram uma identidade feminina que esteve guardada durante séculos. O diálogo que as autoras mantêm com as cartas atribuídas à freira Mariana Alcoforado também vislumbra uma mulher ousada para o século XVII e que, mesmo circunscrita a um convento, transgrediu normas e regras da instituição em favor de uma liberdade tão desejada por ela.

Na leitura da Segunda Carta IV⁸², pode-se observar que as autoras tiveram a preocupação de direcionar seus textos para essas modificações na vida das mulheres:

“E ingrata será a mulher que se nega a querer a quem queira, determinada que está desde nascença, a ter sua vida à espera sem pelo menos conquistar direitos de vontade e raivas bem seguras, argumentadas logo com armas; de ingratas, pois, seremos acusadas; estranhas, percebendo, logo desencadeando bravas guerras por literárias tidas (...) Se tome Mariana que em clausura se escrevia, adquirindo assim a sua medida liberdade e realização através da escrita; mulher que escreve ostentando-se de fêmea enquanto freira, desautorizando a

⁸² Barreno,Costa,Horta,1974:91

lei, a ordem, os usos, o hábito que vestia.”

Reportando-se à leitura de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir⁸³, percebe-se que a autora procura sempre caracterizar as diferenças entre o sexo feminino e o masculino. Seus estudos mostram que a submissão da mulher data da Pré-História e a superioridade do homem era incontestável: ele ia para a guerra e à mulher cabia cuidar do lar e dos filhos. Com a descoberta da agricultura, a mulher passa a ter maior importância porque traz à luz do mundo filhos e, por causa deles, a elas são confiados os trabalhos agrícolas, exatamente por se acreditar que havia uma inter-relação entre o nascimento dos filhos e a fertilidade do solo. Porém continuava nas mãos dos homens o poder de decisão sobre todas as coisas, inclusive sobre a vida da mulher.

Segundo Beauvoir⁸⁴, na Grécia e na República Romana, a situação da mulher não foi diferente. A mulher grega ocupava a mesma posição dos escravos. A mulher romana vivia sob o poder dos "paterfamilias" e, quando se casava, esse poder era transferido ao marido, o que fazia dela um ser submisso e alienado, pois sua função era apenas a de perpetuar a família. Se o contrato de casamento não acontecesse, ela seria eternamente uma escrava do pai ou até mesmo do irmão mais velho.

Simone de Beauvoir, ainda na leitura dessa obra, menciona que o cristianismo pouco ajudou na questão da mulher. Durante a Idade Média, com o intuito de mantê-la sob tutela, a mulher era qualificada como um animal que não era firme nem estável e, por essa razão, deveria ser subordinada ao marido ou ao pai. Esse período foi, também, de grande perseguição às mulheres: o Santo Ofício ordenou uma caça às bruxas e assim a Igreja causou um verdadeiro genocídio.

⁸³ Beauvoir,2000:73-74

⁸⁴ Beauvoir,2000:108-113

Michelle Perrot⁸⁵, discute que a mulher era protegida por lei, mas apenas como propriedade do homem e mãe de seus filhos. Ela não tinha direitos como pessoa. Durante o feudalismo, a mulher não podia requisitar um feudo, porque não tinha condições de defendê-lo e, se o recebesse como herança, era obrigada a ter um homem como tutor para protegê-la. Somente a partir do século XX é que a mulher se emancipou e passou a construir o que se chama de "sujeito-mulher".

Simone de Beauvoir⁸⁶, estende seus estudos esclarecendo que, já no século XVII, as mulheres distinguiam-se no terreno intelectual, participando das grandes festas e dos saraus europeus. Desse convívio ela deduz a expansão da cultura entre as mulheres:

“A vida desenvolve-se e a cultura expande-se; o papel desempenhado pelas mulheres nos salões é considerável; em não estando empenhadas na construção do mundo têm lazeres para se dedicar à conversação, às artes, às letras; sua instrução não é organizada, mas através de reuniões, de leituras, do ensino de professores particulares, chegam a adquirir conhecimentos superiores aos de seus maridos: Mme de Fayette, Mme de Sevigné gozam de grande reputação: e fora da França, igual renome liga-se aos nomes de Princesa Elisabeth, da Rainha Cristina, de Mlle de Schurman, que trocava correspondência com todo o mundo culto. Graças a essa cultura e ao prestígio que lhes confere, as mulheres conseguem imiscuir-se no universo masculino; da literatura, da casuística amorosa, muitas, ambiciosas, passam às intrigas políticas.”

⁸⁵ Perrot, 1991:119-128

⁸⁶ Beauvoir, 2000:134

No século XVIII, ainda segundo Simone de Beauvoir⁸⁷:

“A liberdade e a independência da mulher aumentam ainda. Os costumes em princípio permanecem severos: a jovem recebe apenas uma educação sumária; é casada ou encerrada num convento sem que a consultem. A burguesia, classe em ascensão e cuja existência se consolida, impõe à esposa uma moral rigorosa. Em compensação, a decomposição da nobreza outorga às mulheres as maiores licenças e a alta burguesia, ela própria, é contaminada por tais exemplos; nem os conventos nem o lar conjugal conseguem conter a mulher. Digamos, mais uma vez, que para a maioria delas essa liberdade permanece negativa e abstrata: elas se restringem a procurar o prazer.”

Mas, mesmo no século XIX, as mulheres não gozavam de uma independência material que lhes daria as condições necessárias para a sua liberdade interior. Durante o Renascimento, as mulheres nobres e as de certa cultura deflagram um movimento em favor de seu sexo e buscam nas doutrinas platônicas importadas da Itália a espiritualização do amor e da mulher, o que muitos homens letrados passam a defender. Cornélio Agripa, em sua célebre obra *Declamação da Nobreza e Excelência do Sexo Feminino*, citada no livro de Beauvoir⁸⁸, esforça-se por mostrar a superioridade feminina.

“Retorna aos velhos argumentos cabalísticos. Eva quer dizer Vida; Adão, Terra. Criada depois do homem, a mulher é bem mais acabada.

⁸⁷ Beauvoir, 2000: 134

⁸⁸ Beauvoir, 2000: 138

Eva nasceu no paraíso, ele fora. Quando ela cai na água flutua, o homem afunda. É feita de uma costela de Adão e não de terra. Seus mênstruos curam todas as doenças. Eva, ignorante, apenas errou. Adão foi quem pecou; por isso, Deus fez-se homem; e, depois da ressurreição, foi a mulheres que apareceu. Agripa declara, em seguida, que as mulheres são mais virtuosas do que os homens. Enumera as "límpidas mulheres" de que o sexo pode orgulhar-se, o que constitui também um lugar comum dessas apologias. Finalmente, faz um requisitório contra a tirania masculina: agindo contra quaisquer direitos, violentando impunemente a igualdade natural, a tirania do homem privou a mulher da liberdade que recebeu ao nascer.”

Na seqüência dos estudos da obra de Simone de Beauvoir⁸⁹, a autora menciona que, apesar de o estatuto da mulher ter permanecido o mesmo do século XV até o século XX, pequenas mudanças aconteceram, principalmente nas classes mais privilegiadas. Ao longo do tempo, houve inúmeras correntes filosóficas e religiosas que defenderam a dignidade e os direitos das mulheres, mas foi a Revolução Francesa, em 1789, que, além de ter posto em xeque o sistema político e social vigente até então na França e no resto do mundo ocidental, também encorajou as mulheres a denunciarem a opressão em que eram mantidas e que se manifestava em todas as esferas de sua existência (política, social, jurídica e econômica).

Gisela Bock⁹⁰, discute que as mulheres francesas, desde o início da revolução, participaram da vida política, criando clubes ativistas femininos. Chegaram, em 1792, a exigir perante a Assembléia que elas tivessem acesso ao serviço público e as forças

⁸⁹ Beauvoir, 2000:21

⁹⁰ Bock, Perrot, 1991:195-210

armadas no que foram reprimidas pelo terror, que proibia que a mulher se associasse a clubes e a idéia de igualdade entre os dois sexos, mais uma vez arquivada. Apesar dessa repressão toda, a mulher do povo, trabalhadora, saiu de casa, freqüentou tabernas, dispôs do seu corpo como um homem, deixou a obscuridade a que foi relegada e passou a enfrentar do mesmo patamar aquele que a reprimia no plano econômico e sexual.

Na leitura de *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir⁹¹ esclarece que, na França, em 1848, uma proliferação de clubes femininos surge para reivindicar não só o direito ao voto mas também a equiparação salarial. Com a industrialização, as mulheres passam a abandonar seus lares e iniciam o trabalho como assalariadas nas indústrias e oficinas. Entram em contato com a dura realidade do mercado de trabalho: os operários da época eram mal remunerados e elas recebiam menos que eles. Os proprietários viram nessa situação a vantagem de empregar a mulher em vez do homem, que se revolta e faz movimentos contra o trabalho feminino.

Com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, a mulher foi obrigada a deixar de lado a condição de esposa e mãe para integrar o mercado de trabalho. Além disso, a consolidação do capitalismo trouxe também o surgimento de lutas e organizações pelos direitos das mulheres. Michelle Perrot e Simone de Beauvoir esclarecem que, no século XX, a partir da década de 20, as mulheres começaram a conquistar o direito ao voto em diversos países. Nesse século, inclusive, conseguiram suas maiores conquistas: maternidade quando desejada e isenta de riscos, contracepção, melhores oportunidades profissionais, significando nítida melhora e esperança de vida. Nesse painel histórico, o feminismo ressurgiu buscando não apenas o direito civil da mulher como também a exposição para todos de sua condição de oprimida diante do homem e da cultura masculina, revelando os mecanismos psicológicos e psicossociais dessa marginalização

⁹¹ Beauvoir, 2000: 17-18

e projetando estratégias capazes de proporcionar a ela uma total liberação, incluindo a do corpo e a do desejo. Além disso, surgiram novas reivindicações, próprias do feminismo moderno, como o aborto, o controle da natalidade, a radical igualdade salarial e a ascensão a cargos de responsabilidade. Esse movimento feminista foi fortalecido por diversas escritoras, dentre elas, a já citada Simone de Beauvoir, além de Betty Friedan e Germaine Greer.

Não restam dúvidas de que o feminismo é um movimento social que veio transformar e desafiar o patriarcalismo, o poder do homem sobre a mulher durante tantas décadas. Ao mesmo tempo, mostrou-se a diversidade feminina num movimento que teve o compromisso de pôr fim à dominação masculina e redefinir o papel da mulher, seja exibindo a igualdade com o sexo masculino ou a diferença dos dois mundos: o machista e o feminista.

Durante séculos, as mulheres vinham se conscientizando de que precisavam se preparar para uma nova vida e para um novo mundo. Depois da industrialização, os costumes e a sociedade mudaram e elas tiveram a certeza de que deveria existir igualdade entre os sexos. Desde a formação dessa sociedade machista houve um sentimento de insatisfação na mulher, um desejo de que tudo fosse diferente daquela educação restritiva, baseada em falsos conceitos morais, que deixara no sexo feminino um grande peso de inibição e receio.

O feminismo pregava muito mais do que um simples movimento das mulheres e seus simpatizantes, apregoava a atitude feminina, o fim de falsos ideais e a ilusão da felicidade. Para as feministas, as mulheres deveriam seguir seus desejos mais autênticos, sem preconceitos, deixando de lado tudo aquilo que era determinado pela sociedade machista.

Outra autora que discute o percurso da mulher é Betty Friedan⁹², que denuncia o "mal sem nome" do qual as mulheres vêm sofrendo por séculos. É uma insatisfação generalizada, uma imensa crise de identidade, porque nunca tiveram a oportunidade de escolher. Nasceram com uma existência traçada, o casamento, o lar, a maternidade e a domesticidade. Se não seguissem esse caminho, eram consideradas anormais, estranhas e neuróticas. Com essa obra, Friedan revolucionou o mundo das mulheres e conscientizou-as da revolta que estava reprimida há muito tempo, incrementando assim o movimento feminista.

A crise da identidade feminina vem da privação do exercício das potencialidades humanas das mulheres, por terem renunciado aos seus erros, aberto mão dos objetivos pessoais, negado a expansão de suas energias intelectuais e psicológicas fingindo ser o que não eram, acarretando-lhes tais atitudes a falta de uma identidade própria. O patriarcalismo sempre impediu as mulheres de desenvolverem plenamente as suas potencialidades. Além disso, ele sempre foi uma forma de violência, mascarando a forte desigualdade entre os gêneros masculino e feminino, dificultando o acesso das mulheres ao campo profissional, desvalorizando a sua mão de obra e criando uma imensa discriminação quanto à sua educação, capacidade política e civil e impondo restrições à sua sexualidade.

Michelle Perrot comenta que, segundo alguns pensadores iluministas, a beleza natural do sexo feminino era incompatível com as faculdades nobres, ou seja, para eles, era impossível fazer uma bela mulher pensar. Ela apenas podia imaginar. Para os estudos científicos do século XIX, todas as características presentes em uma mulher como fragilidade, recato, predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, subordinação da sexualidade e vocação maternal foram consideradas

⁹² Friedan, 1971:27

predominantemente biológicas.

A libertação feminina só seria atingida se acontecesse em todas as esferas nas quais as mulheres estavam sendo inseridas, ou seja, de nada adiantaria obter liberdade política se não houvesse liberdade econômica. Quando o divórcio tornou-se livre e automático para a mulher e para o homem, essa liberalização foi catastrófica, pois a sociedade da época ainda era considerada semi-analfabeta.

O século XX é considerado o século da psicologia e da imagem, entretanto a cultura ocidental não desenvolveu muitos caminhos para as mulheres. Mesmo com a definição freudiana dos sexos e da identidade sexual, as mulheres ainda continuaram a serviço dos homens e da família. Apesar da conquista da liberdade, elas não conseguiam soltar definitivamente os laços. A sexualidade foi o lado que mais se libertou, pois se conseguiu fazer com que a sociedade aceitasse o desejo sexual feminino. No entanto toda essa liberdade vem acompanhada de uma pressão estética, ou seja, a busca da beleza perfeita, facilitada pelos avanços tecnológicos.

A mulher procurou aliar a libertação do espaço doméstico, no qual era obrigada a viver em função do marido, ao espaço ligado à industrialização. Dessa forma, houve a necessidade do aumento do número de creches e a escolarização precoce das crianças, liberando a mulher da maternidade prolongada. Esse foi um dos principais acontecimentos desencadeadores da emancipação feminina.

O movimento feminista leva a questionar também a identidade feminina. No dicionário, encontra-se a seguinte definição para a palavra identidade:

"Conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais etc.

O aspecto coletivo de um conjunto de características pelas quais algo é definitivamente reconhecível, ou conhecido" ⁹³

Identidade vai mais além do que essa definição. Identidade é um ponto de significados e experiências de um povo.

Segundo Castells⁹⁴, identidade é:

“o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais devem prevalecer sobre uma outra forma de significado.”

Mas para um indivíduo poder existir, é necessário ter mais de uma identidade e essa pluralidade é:

“uma fonte de tensão e ambigüidade, tanto na auto-representação, como na ação social. Isso tudo porque é preciso diferenciar a identidade dos papéis e conjunto de papéis, que são funções que um indivíduo exerce na sociedade.”

Esses papéis são importantes para a sociedade porque têm o poder de influenciar o comportamento das pessoas, uma vez que dependem de um acordo entre os indivíduos e as instituições e organizações existentes. Já a identidade é constituída por meio de um

⁹³ Larousse Cultural, 1999:505

⁹⁴ Castells, 1999:22

processo de individualização, apesar de poder ser formada a partir da instituição dominante.

Ainda sobre a formação da identidade, Castells⁹⁵ diz que

“a construção da identidade vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelo indivíduo, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seus significados em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.”

Nesse estudo, Castells⁹⁶ ainda propõe três diferentes formas de construção da identidade:

- “a) Identidade Legitimadora, aquela usada pelas instituições dominantes com o intuito de expandir a sua dominação em relação aos indivíduos;
- b) Identidade de Resistência, que é aplicada pelos indivíduos que se encontram em situação de desvalorização pela lógica de dominação, construindo elementos de resistência e sobrevivência, baseadas em princípios diferentes dos que permeiam a sociedade;

⁹⁵ Castells, 1999:23

⁹⁶ Castells, 1999:24-25

c) Identidade de Projeto, a que mais nos interessa no momento, porque é por meio dela que teremos a formação do feminismo. É a criação de uma nova identidade para conseguir redefinir seu papel e sua posição na sociedade, buscando uma transformação na sua estruturação.”

A partir dessa colocação de Castells sobre identidade, pode-se deduzir que cada um desses tipos de construção de identidade leva a um resultado diferente, que auxilia na constituição da sociedade. O primeiro, por exemplo, dá origem a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições, as quais ajudam a racionalizar a dominação. O segundo auxilia na formação da comunidade e dá origem à resistência coletiva diante de alguns tipos de opressão. A identidade de projeto produz sujeitos que desejam ser indivíduos, que criam uma história pessoal, que atribuem significado a todo conjunto de experiências da vida individual. E a construção dessa identidade é um novo projeto de vida, o que provavelmente deve-se à vontade de libertar a sociedade de qualquer opressão existente até o momento.

A formação de identidade de projeto, criada por Castells⁹⁷, ocorre quando os atores sociais, fazendo uso de qualquer material cultural que têm ao seu alcance, constroem uma nova identidade, capaz de redefinir a sua posição na sociedade, buscando transformá-la. A partir desse ponto de vista, pode-se dizer que o feminismo busca superar todos os estereótipos criados vinculados ao sexo. Levando em consideração que as mulheres são sempre desprestigiadas simplesmente por serem mulheres, esse é o tipo de problema que está extremamente ligado à própria identidade da mulher.

Esse questionamento da identidade feminina foi intensamente discutido na obra

⁹⁷ Castells, 1999:26

Novas Cartas Portuguesas por suas autoras, sempre avaliando o papel da mulher na sociedade portuguesa, o seu crescimento, assumindo novas posições diante e adiante dos homens, sem nunca deixar de ser feminina:

“Que tempo? O nosso tempo. E que arma, que arma utilizamos ou desprezamos nós? Em que refúgio nos abrigamos ou que luta é a nossa enquanto apenas no domínio das palavras? O que podemos...”⁹⁸

Ao longo dos séculos, tem-se definido que a identidade feminina é estruturada e definida a partir de uma tríade que orienta a sua conduta e sua atuação, explicando o que é "ser mulher". São elas: a maternidade, o casamento e o trabalho. E, como toda identidade social, a feminina também é constituída a partir de diversas outras identidades como, por exemplo, as de filha, esposa e mãe.

Com a evolução social da mulher e sua entrada no campo do trabalho, a identidade profissional passa a incorporar também o referencial feminino, iniciando novos elementos, tanto na esfera das concreticidades quanto nas subjetividades e na social. As mulheres não deixaram de ser mães e esposas, mas agregaram a essas duas funções à identidade profissional. No entanto essa sobrecarga social acaba dificultando a formação do sujeito social da mulher, porque elas ainda não constituem uma substância em si mesmas, e sim, fazem uso da consciência social, até então proposta pelos homens.

No caminho da construção da identidade da mulher, está presente o outro, ou seja, o marido, o filho, o pai, a família, a sociedade, o que muitas vezes acabou

⁹⁸ Barreno, Costa, Horta, 1974: 180

impedindo uma certa liberdade de escolha nessa construção.

A construção da identidade feminina sempre buscou a formação de um novo eu e a luta do feminismo pela construção dessa identidade engloba muitas fases, que vão das diferenças às semelhanças com o masculino. A subjetividade é uma questão essencial na formação do indivíduo feminino, pois o eu-mulher é um ser-no-mundo com características semelhantes e diversas do homem. Em *A Mulher em busca da sua identidade*, Malvina Muszkat⁹⁹, diz:

“Ser e ser mulher são apenas duas modalidades do ser-no-mundo, sendo masculino e feminino princípios diferentes de manifestações desse ser. E ainda: homens e mulheres completos, à sua maneira, viverão em suas distintas formas de expressão. A idéia de ser mulher não significa uma oposição, complemento ou um limite do macho, mas sim da existência (...) Há então a imposição de uma nova ética baseada no princípio da integridade, que se expressa pelo reconhecimento do outro.”

Pode-se complementar o estudo acima ao se dizer que a construção da identidade depende da matéria-prima proveniente da cultura obtida, processada e reorganizada de acordo com a sociedade em que vivem o homem e a mulher. Maria Cristina Souza¹⁰⁰, menciona que:

“a solução para o problema da identidade feminina não se dá no recuperar um no outro o seu complemento original, e sim na realidade

⁹⁹ Muszkat, 1986:19

¹⁰⁰ Souza, 2002:5

interpessoal da reciprocidade, origem e condição de ser. Para chegar a si mesma, a mulher tem de chegar ao homem, não para se complementar em um, mas para se inteirar reciprocidade a fim de que as personalidades se desenvolvam.”

Ainda a partir da leitura de Castells¹⁰¹, o movimento feminista buscou negar a construção da identidade feminina a partir da definição construída pelos homens e pela sociedade patriarcal. Caracterizou-se, principalmente, pelo esforço histórico, individual e coletivo, formal e informal, de redefinir a identidade feminina em oposição ao patriarcalismo.

As feministas tentaram formar uma identidade, capaz de redefinir a posição da mulher dentro da sociedade, uma vez que a construção dessa identidade social acontece num contexto cultural marcado por relações de poder onde o macho domina a fêmea.

Castells enuncia também que o feminismo segue algumas tendências, tal como a de defender os direitos das mulheres, o que acaba se transformando numa extensão da defesa dos direitos humanos. Com todas as mudanças ocorridas, viu-se a ascensão paulatina das mulheres a áreas inaceitáveis até o século XIX.

Segundo Castells, a identidade feminina é formada pela visão que temos de nós mesmos e também pela maneira como os outros nos vêem. Quer a identidade seja atribuída ao indivíduo, quer seja adquirida por ele, é sempre assimilada por um processo de interação com os outros. Esses outros são os que nos identificam de uma certa maneira. Somente depois que há a confirmação de uma identidade pelos outros, é que ela pode se tornar real para o indivíduo ao qual pertence. Qualquer informação sobre uma pessoa, por menor que seja, serve para definir um indivíduo, permitindo que seja

¹⁰¹ Castells, 1999:32

possível reconhecer antecipadamente aquilo que devemos esperar dele e aquilo que ele esperará de nós.

Erving Goffman¹⁰², situa a formação do indivíduo quando afirma que

“essa sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros valorizem e o tratem de maneira adequada.”

De extrema importância para a construção da identidade de um ser humano é também a identidade sexual. Essa construção se inicia com o nascimento, num processo simbiótico com os pais, passando pela interação com o meio em que vive, até o momento em que começa a se expressar com individualidade em atitudes e sentimentos sobre esse eu.

O papel sexual é, na formação do indivíduo, um conjunto de condutas que são dele exigidas tanto sexual como socialmente. Isso porque há uma grande diferença entre sexo e gênero. O primeiro é a conformação de que há macho e fêmea nos animais e o segundo implica a construção histórica e social da mulher e do homem e as diferenças e relações entre os sexos.

Em função dessas diferenças entre os gêneros, desde criança a menina aprende que a boa mulher é aquela que cuida da família, das crianças, do marido e da casa. Ela deve ser servil e submissa ao marido, pai e irmão, enquanto que os meninos devem ser ativos, viris, autoritários e vigorosos. Essas generalizações fazem com que meninos e

¹⁰² Goffman, 1999:21

meninas, desde o início de suas vidas, tornem-se seres humanos distintos.

As mulheres, ao longo do seu crescimento, inserem sentidos e significados extremamente femininos em suas vidas, os quais as impedem de ver o mundo verdadeiro, que as faz prontas, simplesmente, para servir a vontade masculina.

A partir das diferenças sexuais entre mulher e homem, Castells¹⁰³ observa que essas diferenças essenciais das mulheres colocam-nas a favor dos valores do patriarcalismo e justificam toda a opressão. Para o autor, o feminismo redefine a identidade da mulher.

“Ora afirmando haver igualdade entre homens e mulheres, desligando do gênero de diferenças biológicas e culturais, ora contrariamente, afirmando a especificidade da mulher, freqüentemente declarando também a superioridade das práticas femininas como fonte de realizações humanas, ou ainda, declarando a necessidade de abandonar o mundo masculino e recriar a vida, assim como a sexualidade na comunidade feminina”

Grande número de estudiosos, em diversas áreas, como as de sociologia, psicologia, antropologia, filosofia, entre outras, procuram explicar e melhor definir o que realmente é esse indivíduo mulher e como é formada essa identidade, potencialmente supressora de algumas diferenças existentes entre as pessoas que fazem parte de uma categoria de identidade e, portanto, massificadora.

As mudanças estruturais, ocorridas na sociedade no decorrer do tempo, desencadearam uma descentralização da identidade moderna, que se deslocou e

¹⁰³ Castells, 1999:21

fragmentou, causando também efeito na nossa identidade pessoal e abalando a idéia que temos de nós mesmos enquanto sujeito. Essa perda de sentido, chamada de deslocamento ou descentralização do sujeito, constitui a crise de identidade.

A mulher sempre foi pensada a partir do parâmetro masculino e, de acordo com Simone de Beauvoir (2000), o que realmente caracteriza a mulher é o fato de ela ser o outro dentro de uma totalidade, onde os dois termos são necessários.

A obra *Tendências e Impasses*, organizada por Heloisa Buarque de Holanda¹⁰⁴, indica que estudos pós-modernos identificam ainda interesse crescente em relação às teorias feministas e à presença da voz feminista, com forte potencial crítico e político. Segundo a autora,

“filósofos franceses pós-estruturais tais como Foucault, Deleuze, Barthes, Derrida e Kristeva intensificaram a discussão sobre a crise e o descentramento de sujeito, introduzindo, como temas centrais do debate acadêmico as idéias de marginalidade, alteridade e diferença.”

Entre esses filósofos, Foucault e Derrida são os autores que mais equacionaram a questão da mulher enquanto o "outro". Porém o que distingue,

“de forma definitiva, as teorias feministas do pensamento pós-estruturalista é o compromisso feminista com a articulação da crítica da hegemonia do idêntico e da legitimidade dos sentidos absolutos e universais com os processos históricos de

¹⁰⁴ Holanda, 1994:25

construção e representação da categoria "mulher".”¹⁰⁵

Esse compromisso feminista está na obra *Novas Cartas Portuguesas*, cuja leitura identifica as autoras como inseridas em uma sociedade da metade do século vinte, vivenciando as mudanças políticas, econômicas e sociais que buscam, através da escrita, equacionar as mulheres, construindo uma identidade feminina.

No diálogo com as cartas atribuídas a Mariana Alcoforado, procuram salientar o conflito de consciência da freira: por um lado, a sua educação conservadora não admitia enfrentar as ordens patriarcais e, por outro, havia a tentativa de ruptura com as regras sociais e morais da época. Para as autoras, inserir *Cartas Portuguesas* em sua obra foi uma forma de mostrar uma mulher buscando sua liberdade e construindo uma nova identidade:

“Mitos desfloramos e desflorados fomos de consentido. Porém de consentidas não nos tomem. Me tomem, se tome Mariana que em clausura se escrevia, adquirindo assim sua medida de liberdade e realização através da escrita; mulher que escreve ostentando-se de fêmea enquanto freira, desautorizando a lei, a ordem, os usos, o hábito que vestia”¹⁰⁶

A sensualidade, o desejo de construção de identidade feminina, a revolução em todas as situações em que aparecem as mulheres estão presentes em toda a obra das Três Marias, apresentadas sempre numa linguagem transgressiva, na tentativa de mostrar o

¹⁰⁵ Holanda, 1994:9

¹⁰⁶ Barreno, Costa, Horta, 1974:91

crescimento feminino ocorrido durante décadas na sociedade portuguesa.

“Do poder com que "saltamos juntos" - o dizes - e do alimento que sempre de alguém tiramos para com ele nos vestirmos e envergadas de mundo lhe sabermos melhor o gosto e as fraudes com que sempre impediram à mulher o acesso a tudo (...) - Cada uma por si espontânea, de aparência frágil, porém juntas logo a rigor, o manto, a terra, o susto que provocamos a homem que nos "saiba" e "oiça".”¹⁰⁷

¹⁰⁷ Barreno, Costa, Horta, 1974:91

Capítulo 5 - REVOLUÇÃO FEMINISTA

“Ei-nos, pois, em plena era da libertação da mulher portuguesa e o homem exalta e afirma: “somos pela promoção feminina, provamos a mulher, desalgemamos a mulher, descravizamos a mulher.” E o homem exalta, irmãs, e ajuda a mulher nesta farsa, neste engodo, nesta falsa vergonha: libertação.”¹⁰⁸

A presença das idéias revolucionárias feministas na obra *Novas Cartas Portuguesas* conduziu a uma pesquisa sobre a evolução do movimento para que se pudessem compreender as transformações sociais e políticas ocorridas com as mulheres que estiveram presentes e ativas na revolução, no entanto sempre à sombra do homem português.

A pesquisa iniciou-se com a leitura de algumas obras sobre os acontecimentos que levaram o povo português a se rebelar contra o regime da ditadura.

A Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de abril de 1974, em Portugal. Foram os movimentos operários os impulsores da revolução a qual marcou o fim da ditadura fascista que oprimia o povo português há décadas. A classe operária enfrentou, durante muito tempo, a violenta repressão que tentou abafar os protestos e as suas reivindicações. A participação dos movimentos democráticos, do movimento juvenil e dos intelectuais foi decisiva nesse processo histórico e nas frentes de luta contra a ditadura. Os poetas e ficcionistas portugueses que se embrenharam na luta registraram em suas obras todos os momentos dessa transformação e libertação.

¹⁰⁸ Barreno, Costa, Horta, 1974:285

Lincoln Secco¹⁰⁹, em sua obra diz:

“A crise do Império colonial português começou efetivamente nesses anos sessenta. Diante do agravamento da guerra no ultramar e dos problemas sociais e econômicos, Portugal começou a ser sacudido, internamente, por uma série de agitações golpistas. Sucediavam-se fortes críticas ao governo, provenientes até mesmo do alto comando das Forças Armadas - a Revolução dos Cravos mostrou, como um exército, que foi o sustentáculo de quase cinquenta anos de fascismo em Portugal, e acabou tendo suas demandas específicas de solução do problema colonial cruzadas com as demandas democráticas.”

A leitura dessa obra permitiu a compreensão da situação vivida pelo povo português, que culminou com a revolução, surgida, efetivamente, através dos movimentos de libertação nacional e de luta armada nas colônias: Angola (1961), Guiné-Bissau (1963) e Moçambique (1964). Foi unindo-se a essas fileiras que os estudantes e os intelectuais portugueses se juntaram à classe operária pela liberdade, inspirados pelas ideologias socialistas e marxistas, e começaram a construir os alicerces do movimento.

Com todas essas ações conjuntas, a situação política portuguesa agravou-se cada vez mais. Lincoln Secco¹¹⁰ afirma que

“No início do ano de 1974, o número de ações guerrilheiras já era

¹⁰⁹ Secco,2004:99

¹¹⁰ Secco,2004:99-100

espantoso. A ação anticolonial cresceu muito entre fevereiro e março e se estabilizou daí até o final de maio, o que mostra que o 25 de Abril não fez recrudescer a ação guerrilheira, apenas se manteve sempre em patamares “normais”, ou seja, altos. (...) Em Portugal, um fascismo longo, imperialista e colonialista encontrou sua agonia militar num conjunto de fatores que, somados, desmoronaram o império português.”

Em 25 de abril, o que se viu foi Portugal livrando-se de todos os males de uma ditadura. Houve um golpe de Estado sem grandes violências, mas que alterou radicalmente as estruturas políticas e econômicas do povo português, liberto de uma ditadura que já durava quarenta anos.

Todos esses caminhos em busca de liberdade foram registrados e questionados pelos escritores em suas obras. Muitos deles foram calados e silenciados nessa trajetória. Algumas dessas obras, nos anos sessenta, começaram a questionar a subordinação e opressão da mulher. Na década de setenta, as escritoras portuguesas Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa se unem à Maria Teresa Horta para publicarem o livro *Novas Cartas Portuguesas*, uma obra de ficção literária, fazendo dele um instrumento de luta contra os valores patriarcais.

Essa obra foi considerada desafiadora e revolucionária, um marco histórico da presença das mulheres na luta pela liberdade de expressão, o que levou suas autoras a serem julgadas pela ditadura de Salazar, que considerou o livro imoral.

“Pouco mais havia naquele espaço estreito, e dentro dele o seu cuidar e ocupar-se com tudo e com nada, vai e vem de dia lento que chegava até ao pátio, estreito também, com a bacia de água suja e tufos de ervas

daninhas. Quando ele entrou percebeu-lhe o olhar mau dos dias em que choviam novas acusações, novas suspeitas, renovadas injúrias (...) tudo foi provocação, tática de extrair o pretexto do seu silencio, difícil de romper, intacto ainda quando olhou a marmitta vazia, apenas chocalhando a água turva no fundo e ele dizendo <despeja isso depressa que não admito porcarias aqui>, e o seu estômago vazio, com ardor ácido, o seu silêncio e os seus gestos, buscando o mínimo pretexto que lhe permitisse passar ao ataque, à brutalidade, e o que foi seu gesto ou sua resposta não interessa, talvez lhe tenha efectivamente chamado polícia ou bruto, ou polícia bruto ou coisa parecida, mas se não fosse isso o pretexto seria outro, viriam os interrogatórios sobre a sua vida toda, os seus passos, as suas conversas, até seus olhares, em tudo era posta suspeita de conspirações e crimes, e ele saltou do catre com as suas botas pesadas, e começou a dar-lhe pontapés meticulosamente, primeiro nas canelas, depois nas coxas, depois no sexo, as botas subindo sempre, à medida que o seu corpo se dobrava, se curvava, se enrodilhava, subindo também aquele ardor, aquele abrir da carne a medusas ácidas que se instalavam estendendo uma rede de queimaduras que alastravam como tentáculos, e do meio dessa ferida na carne subindo um raio fino numa massa mole, desconhecida, só a si ligada pela dor, e os pontapés subindo sempre pela barriga, pelo peito, pelas costas, pela cabeça, quando esta roçou o chão já exausta, julgando-se no limite daquela decomposição interior, mas tudo foi ainda novo choque súbito, novo existir só por aquele partir e esmagar por dentro, com pontapés nos olhos, na boca, no nariz, até que deixou de ver, tudo foi escuro, e ali ficou no chão, inchando e sangrando”¹¹¹

¹¹¹ Barreno,Costa,Horta,1974:218-220

Após a revolução de 25 de abril, os portugueses passam por um período marcado por uma significativa crise de identidade em decorrência dos acontecimentos históricos que haviam presenciado. Coube, principalmente aos escritores, retomar a história, criando uma nova literatura, reconstruindo e resgatando através da memória, um passado vivido, sentido e experimentado por esse povo português na revolução.

Até a década de oitenta, a temática relacionada aos acontecimentos revolucionários permeava a produção literária. A importância dessa produção não residia apenas no fato de ser registro da história, mas pelo seu aspecto de linguagem revolucionária em busca de novos procedimentos, de mudanças de mentalidades e de estrutura de uma sociedade.

Nesse processo de mudança, não se pode deixar de focalizar a participação da mulher, trazida a público pelas escritoras desse período. Algumas delas como Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno, por seu comprometimento com a luta feminista, trouxeram a mulher portuguesa para ela através de suas diferentes personagens, situando-as na revolução de seu país e na luta pela causa das mulheres.

“E nesta volta do amor à história e à política veio a visita de fundo ao nosso intercâmbio; porque desentulhamos o que de assustador temos para nós --- e porque não “pacto com o demônio”, se dessacralizado, desmistificado, se soubermos “o diabo que temos nas mãos”? --- e o que de assustador, monstruoso, equívoco, nos cometerão os outros --- lembremo-nos, sim, que um negro extremista é já respeitável, mas que uma feminista é vituperada, assustadora do ainda indiscursível, incômoda, ridícula, mesmo para os cavaleiros bem pensantes de toda a libertação ---talvez seja o primeiro caminho para desmontarmos nossas

circunstâncias históricas e políticas.”¹¹²

A obra *Novas Cartas Portuguesas* foi construída numa etapa de amadurecimento do movimento feminista nos anos setenta. Suas escritoras trazem em seus textos o tom de militância, com um referencial político-social e de engajamento na luta feminista. Elas situam a mulher da sociedade portuguesa na questão ampla e dinâmica do feminismo. Entretanto é preciso marcar essa presença tanto na sua história como também em movimentos no mundo pela conquista de seu lugar, seja no espaço privado, seja no espaço público.

Em Segunda Carta I¹¹³ elas mostram que o caminho da luta das mulheres, marginalizadas pela sociedade dessa época, é marcado pela busca da construção de uma nova identidade feminina e pelo rompimento com a opressão do homem:

“(…) A mão sobre o papel traça com precisão as idéias na carta que, mais do que para outro, escrevemos para o nosso próprio alimento: o doce alimento da ternura, da invenção do passado ou o envenenamento da acusação e da vingança; elas próprias principais elementos da paixão na reconstrução do nosso corpo sempre pronto a ceder à emoção inventada, mas não falsa (...) E jamais, pois, nenhuma de nós três: mulher, se entregará sem dano de si própria e de outrem. Ramificação oculta que transportamos na voragem de nos sabermos, de nos descobrirmos, na viagem que premeditadamente empreendemos através de nós próprias na procura ou na entrega.”

¹¹² Barreno, Costa, Horta, 1974:108

¹¹³ Barreno, Costa, Horta, 1974:10

Nesse texto, as autoras procuram mostrar a mulher expondo sua história, seu engajamento político, participante ativa dos movimentos operários, estudantis, intelectuais. A mulher que sai da obscuridade e do silêncio a que esteve subordinada durante décadas, travando um diálogo entre presente e passado.

Segundo Yasmine Ergas¹¹⁴ em sua obra, cita:

“Desde uma participação crescente na força de trabalho até o aumento do número de divórcios e de famílias monoparentais, as condições de vida das mulheres mudaram significativamente. Mas ainda antes de estas mudanças atraírem uma atenção generalizada, já o “feminismo” tinha alcançado notoriedade, transformando-se no símbolo claramente renovada – e em grande parte inesperada – afirmação das mulheres.”

As manifestações maciças ajudaram a forçar mudanças na evolução da mulher: a campanha pela liberalização do aborto e o acúmulo de leis reformistas a respeito das *questões das mulheres*, que numerosos países aprovaram em 1970 e 1980. No Reino Unido, por exemplo, a Lei do Salário Igual, de 1970, foi seguida pela Lei sobre a Discriminação Sexual, de 1975, e pela subsequente criação da Comissão para a Igualdade de Oportunidades; a Lei de Proteção no Emprego, de 1975, estabeleceu a licença-maternidade obrigatória e remunerada e proteção em relação às demissões sem justa causa durante a gravidez; a Lei dos Processos Matrimoniais e Violência Doméstica, de 1976, reforçou os direitos das mulheres contra a violência conjugal; e a Lei dos Crimes Sexuais, do mesmo ano, melhorou as garantias de privacidade, durante

¹¹⁴ Ergas, 1991:584

o julgamento, das vítimas de violação.

Organizações internacionais introduziram, nas suas ordens de trabalho, os *direitos das mulheres*. Essa *Década da Mulher* tornou pública a questão feminina. O aparecimento de uma sólida rede de mulheres ativistas e a adoção pelas Nações Unidas de resoluções com tendência a dar maior atenção às preocupações das mulheres fazem emergir o feminismo como força política, com significativas redefinições dos acordos institucionais tradicionais.

O feminismo alcançou destaque mesmo com a oposição política e com os conflitos sobre os direitos específicos das mulheres. Em alguns países da Europa, a legislação sobre a liberalização do aborto gerou oposições radicais, que acabaram por induzir manifestações feministas em sua defesa.

Yasmine Ergas¹¹⁵ conceitua que

“No mundo contemporâneo, o feminismo adquiriu significados diferentes para contextos diferentes. Reportando-nos ao dicionário, definiríamos discursivamente o feminino como a teoria da igualdade política, econômica e social dos sexos e organizativamente como a mobilização necessária para “eliminar as restrições que discriminam as mulheres”, parecendo não haver uma definição universal que nos oriente no complexo terreno das políticas feministas contemporâneas. Na verdade, o feminismo não é um substantivo cujas propriedades possam ser definidas de forma exata e definitiva; poder-se-ia dizer, antes, que o termo feminino indica historicamente conjuntos variados de teorias e práticas centradas em volta da constituição e da legitimação

¹¹⁵ Ergas, 1991:586-587

dos interesses das mulheres. Nessa perspectiva, o que o feminismo é, ou foi, é mais uma questão histórica do que uma questão de definição.”

Definir os movimentos feministas e feminismo implica encontrar o caminho através dos conflitos desordenados das décadas passadas, em que as várias concepções de feminismo disputavam reivindicações recíprocas e, inevitavelmente, simplificavam as complexas questões da identificação e das atribuições.

Segundo os estudos de Ergas, com as modificações do universo feminista, era costume distinguirem-se posições feministas radicais, socialistas e liberais, numa perspectiva que tendia a encarar o feminismo e os movimentos feministas como fenômenos, de certo modo, alinhados com as ideologias políticas. Enquanto as feministas radicais se tornaram notadas por terem falado da autonomia feminina utilizando a terminologia dos movimentos anticoloniais de libertação nacional, a linguagem das feministas socialistas reafirmava sua consonância com as análises centradas na luta e nas contradições de classe; as radicais e as socialistas eram notadas por invocarem uma refundição total da ordem social, porém as feministas liberais distinguiram-se por sublinharem como era importante para as mulheres adquirirem direitos iguais, no seio de uma sociedade política e socialmente pluralista.

Simultaneamente afirmando o primado da feminilidade como categoria de identificação política e questionando a natureza dessa mesma categoria, as feministas procuraram tanto construir como destruir a própria feminilidade. Para muitas feministas contemporâneas ocidentais existe uma linha divisória que

“se forma no pensamento e na ação dessas mulheres entre a necessidade de construir a identidade “mulher” e de lhe dar um significado político sólido e a necessidade de destruir a própria categoria “mulher” e dismantelar a sua história.”¹¹⁶

Nessa perspectiva, os feminismos contemporâneos parecem ter se voltado para a afirmação da diferença sexual como princípio existencial básico e a própria negação da importância da diferença sexual como causa legítima (e explicação) da desigualdade. Esse movimento oscilatório acabou sendo identificado como o debate entre os defensores da *igualdade* e os partidários da *diferença*.

Ergas¹¹⁷ argumenta que:

“os feminismos ocidentais contemporâneos surgiram como resposta ao poder do gênero comum à categoria estruturante da experiência social. Alimentadas por idéias igualitárias e liberais e confrontadas com as desigualdades inerentes às sociedades em que o sexo determina de modo significativo as oportunidades da vida, as jovens mulheres dos anos sessenta e setenta teriam dado origem aos recentes renascimentos feministas. Desafiando idéias aceitas que relegavam as mulheres para os seus “lugares próprios”, elas tentaram libertar as mulheres das restrições de gênero. A reivindicação das feministas de hoje seria, então, a asserção da igualdade de direitos para as mulheres e o seu objetivo específico seria a instauração de um mundo neutro do ponto de vista do gênero.”

¹¹⁶ Ergas,1991:591-592

¹¹⁷ Ergas,1991:594-597

Nos feminismos ocidentais contemporâneos, concepções muito variadas sobre os direitos e as identidades coexistiram e rivalizaram. Simone de Beauvoir, em sua obra já destinada a tornar-se uma referência fundamental para as feministas dos anos 70, *O Segundo Sexo*, já perguntava: *O que é uma mulher?*

Yasmine esclarece ainda que três aspectos se salientam especialmente do trabalho dos primeiros anos dos novos movimentos feministas: o interesse pela reconstrução da história das mulheres; a atenção consagrada à identificação das coordenadas que unificam a condição das mulheres em contextos diferentes; e a intensidade dos debates sobre as origens e implicações da diferenciação dos papéis e identidades sexuais.

Deve-se considerar que a “*descoberta*” da história das mulheres misturou-se com a análise das suas condições e com a significação da diferença sexual que direcionou a redefinição e relegitimação de um sujeito mulher, estabelecendo os elementos comuns em cuja base as mulheres se podiam identificar umas com as outras, construindo uma memória específica de gênero.

As mobilizações feministas dos anos 60 e 70 refletiam amplamente os contextos políticos a que estavam vinculadas. Em muitos casos, nos países do mundo ocidental, tais contextos eram marcados por elevados graus de mobilização política e pela emergência de muitos movimentos reivindicando mudanças sociais radicais. As mobilizações estudantis, algumas vezes coincidentes com as da classe trabalhadora, mobilizadas pelos sindicatos e partidos políticos, contribuíram para a formação de “*novas esquerdas*”. As feministas tornaram-se importantes componentes críticas dessas “*novas esquerdas*”. Mas paralelamente a elas e com os movimentos sociais radicais a que estavam associadas, formações e instituições políticas mais convencionais desempenharam também o seu papel na gênese dos novos movimentos feministas.

Tais movimentos adquiriram, com o tempo, autonomia, porém se tornaram frágeis às condições políticas que marcaram os diversos contextos de sua maturação. Mesmo assim e apesar de mobilizações discretas, esses movimentos fizeram progredir o interesse das mulheres e, em diversas ocasiões, foram identificados como "*feministas*".

Esse progresso fez com que as mulheres buscassem novos caminhos para seu próprio crescimento e para a construção de uma nova identidade.

Os estudos feitos por Michelle Perrot¹¹⁸, considera, inclusive, o trabalho doméstico produtivo, como o das donas de casa e a criação dos filhos, ao contrário do sistema capitalista, que considera produtivo apenas o trabalho lucrativo. É a condição de proletária que tira a mulher do "*ciclo familiar*" e a coloca na luta de classe que, embora tenha ampliado seu horizonte, tirando-a do estreitamento do lar, não provocou efetivamente um rompimento com a função doméstica, pois, nos tempos atuais, a dupla jornada faz, ainda, parte da vida da maioria das mulheres trabalhadoras.

Perrot esclarece que o caminho para a conquista da igualdade sonhada pelas primeiras feministas do século XIX era o direito ao voto, que faria com que todas as outras reivindicações fossem alcançadas. As feministas do início do século XX também se envolveram em outras lutas sociais, como as norte-americanas, por exemplo, na luta contra a escravidão. O envolvimento nesses embates, entretanto, trouxe conflitos ideológicos entre as mulheres de classe média operária.

Rose Marie Murano¹¹⁹, ao sintetizar a evolução histórica da mulher desde a Idade Média, esclarece que a mulher pobre tem sido a grande revolucionária da história. Foi ela quem participou de todas as revoltas camponesas, da guerra civil inglesa, da reforma protestante e de muitos levantes camponeses na Europa até o século XVIII.

¹¹⁸ Perrot,1991:14-23

¹¹⁹ Murano,2001:110

Teve, sobretudo, papel fundamental na revolução Francesa. Nesse episódio marcante foram as mulheres que tomaram as iniciativas violentas, em defesa do pão de seus filhos.

Murano afirma que, durante o século XIX, as mulheres formavam quase metade da massa operária nas fábricas e nas minas de carvão, porém eram exploradas e trabalhavam em condições inumanas. A mortalidade feminina era terrivelmente alta devido ao fato de, além de ganharem menos e trabalharem mais, darem a escassa comida aos maridos e filhos.

Segundo a autora, o movimento feminista nasce praticamente junto do movimento operário, na era da civilização industrial. Na página 133 da citada obra, ressalta que, embora o movimento feminista tenha agitado toda a segunda metade do século XIX, apenas na década de vinte do século passado, as mulheres conquistaram o direito ao voto na maioria dos países industrializados. Mesmo assim, a maioria das mulheres votava ainda de forma conservadora, não se alterando, portanto, sua situação de opressão e exploração.

Os estudos de Rose Marie ainda esclarecem, que, nessa década, houve uma abertura significativa em termos de sexualidade, embora a mulher ainda estivesse ligada aos afazeres domésticos e sofresse a opressão do homem. No entanto, mesmo com todo o esforço das feministas, a situação da mulher quase nada mudou; ao contrário, agravou-se com a Grande Depressão, pois foram as mulheres as primeiras a perderem o emprego. Devido a isso, nos anos trinta, a mística feminilidade e o reacionarismo chegaram a um ponto culminante, levado ao máximo, principalmente na Alemanha, pelo advento do nazismo.

A evolução da condição da mulher é lenta e está diretamente relacionada à condição sócio-econômica dos países. Naqueles subdesenvolvidos, as mulheres da

classe operária ainda são exploradas pelo capitalismo. Com a força de trabalho, necessária tanto ao acúmulo de capital como à sobrevivência de família, a mulher exerce uma dupla jornada, além de, na maioria das vezes, receber salários inferiores aos do homem. Nos grandes centros urbanos, embora em número pouco relevante, situam-se mulheres formadoras de uma outra classe média moderna, preenchida por intelectuais, profissionais liberais, artistas, pesquisadoras etc., já com outra consciência de feminilidade.

Em 1963, Betty Friedman publica o livro *A Mística Feminina*, onde apresenta pesquisas sobre a neurose que atinge grande parte das mulheres da classe média. E Simone de Beauvoir publica *O Segundo Sexo*, no qual discute a repressão e a sexualidade feminina desde a Idade Média.

Apesar das conquistas no final da década de oitenta, o feminismo foi esmagado pela dominação capitalista. Houve, no entanto, uma revolução silenciosa, e as mulheres, hoje, conseguiram superar a dicotomia entre o público e o privado, entrando no mundo dos homens. O crescimento das mulheres no domínio público foi, sem dúvida, a grande causa do desmoronamento crescente do patriarcalismo e o movimento feminista trouxe uma transformação das estruturas sociais e políticas.

As teorias e teóricos de hoje criam metodologias que reincorporam a emoção e a subjetividade ao conhecimento científico, proporcionando e discutindo a mulher não apenas submissa ao lar, mas adequada ao crescimento das novas gerações.

A partir da década de sessenta, o movimento feminista ganha novos contornos: sai do plano de opressão familiar e passa a ser público e coletivo.

Em *Novas Cartas Portuguesas*, as autoras, inseridas nessas mudanças, transportam as histórias das mulheres para as páginas de sua obra: injustiças vividas no

lar, no trabalho, no plano social, econômico e até mesmo político, todas parte essencial de uma consciência que as Três Marias analisam e descrevem em sua obra.

“A indústria abre-se ao trabalho feminino; é bonito. É progressivo. A trabalho igual, salário igual; mas trabalho não é igual, vejamos, como comparar, os homens fazem outras coisas e só as mulheres são aproveitadas para este penoso trabalho na indústria da eletrônica. Novinhas, solteiras de preferência, para não haver os tais problemas familiares.”¹²⁰

Ao longo do tempo, as mulheres foram abrindo caminho na esfera pública. Muitas vezes esse espaço foi conquistado pela brecha deixada pelos homens, como acontece nos tempos de guerra. Essas guerras foram extremamente conservadoras, pois quando terminaram, recolocaram as mulheres em seus antigos lugares. Por outro lado, o acesso das mulheres no mercado de trabalho possibilitou que os homens alcançassem melhores posições. Mantinha-se a inferioridade feminina. Segundo Perrot, a instrução abria para elas a possibilidade de ingresso em muitas profissões, principalmente na área da educação e da saúde.

A luta das mulheres para entrarem no espaço público tem sido árdua. Mesmo que em alguns momentos da história, algumas mulheres tenham conseguido entrar em territórios masculinos, na maioria das vezes, o poder era exercido com mais autoridades pelos homens.

Perrot argumenta ainda que os militantes são menos resistentes à presença feminina do que os políticos. As guerras revolucionárias sempre provocam o

¹²⁰ Barreno, Costa, Horta, 1974:126

patriotismo das mulheres. No meio religioso está a maior resistência às mulheres. A desigualdade entre os sexos sempre foi reforçada pelo judaísmo e pelo cristianismo. Excluídas da palavra, o que seria uma forma de reconhecimento público, as mulheres continuam sua luta para conquistar a entrada nesses espaços hostis. A historiadora conta que o protestantismo, nesse aspecto, realizou uma ruptura. As mulheres são pastoras há muito tempo, enquanto o catolicismo resiste à ordenação de mulheres.

Mesmo com resistência, as mulheres se apoderaram do espaço público. As organizações feministas tiveram o papel fundamental nas grandes batalhas. Perrot mostra que os movimentos feministas hoje já não tem a força das décadas de 70 e 80, quando conquista importantes aconteceram. Mesmo que as divergências ideológicas dividam as feministas, principalmente na questão da identidade de gênero, o acesso ao mundo público é uma realidade. O desafio para as feministas ainda é grande, principalmente quando têm de enfrentar a hostilidade masculina.

As reivindicações dos movimentos feministas são o direito à reprodução social e justas condições humanas de trabalho. Essas exigências partem das lutas que se manifestam, da vida familiar à vida do trabalho, e da vida sexual ao exercício do poder e à tomada de decisão.

A necessidade de uma auto-afirmação dentro de um ambiente que lhe é hostil exige que haja resistência. A crítica chama de palavra subversiva a expressão de um ato pessoal que leva à repercussão fora do grupo, atingindo assim proporção revolucionária. O que é uma questão pessoal se desdobra no coletivo. É a possibilidade de se retomar a história, de mostrar que a consciência é sempre histórica, ambos traços culturais do movimento das mulheres.

O fato de se partir de situações concretas das mulheres postas em questão, de forma personalizada, para atingir a sociedade na sua totalidade é a singularidade

revolucionária que tonaliza a obra de engajamento social e político de Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno. As autoras, militantes na luta das mulheres, fazem da palavra o retrato das vozes individuais que escrevem a história coletiva das marginalizadas. Como feministas, fizeram de sua obra um instrumento de revelação da voz feminina em todos os aspectos da opressão, voz essa que, ao longo dos séculos, esteve sempre emudecida.

Pertencentes a uma geração marcada pela luta de libertação feminina, as três autoras escreveram uma obra de expressão feminina, revolucionária, que apresenta marcas de quebra da discursividade estética, tendência literária que, dentre outras, constituiu-se como símbolo da resistência intelectual à ditadura.

“Em que mudou a situação da mulher? De objecto produtor, de filhos e de trabalho dito doméstico, isto é, não remunerado, passou também a objecto consumidor e de consumo; era dantes como uma propriedade rural, para ser fecunda, e agora está comercializada, para ser distribuída.”¹²¹

Passados alguns anos da Revolução dos Cravos, fica evidente que a condição social da mulher pouco mudou, porém é sabido que a revolução feminina começa a partir da quebra do silêncio e da construção feminista, reveladas tanto na voz de enunciação como de enunciado. O tom de militância, devido ao referencial político-social e de engajamento, pode levar ao rótulo de obra datada, ou seja, aquela que teve uma função social que se perdeu com o tempo.

Estudiosos separam o movimento feminista em duas etapas. Uma, de

¹²¹ Barreno,Costa,Horta,1974:263

contestação radical da situação de inferioridade da mulher, iniciada no final do século, e outra, do amadurecimento do movimento, que começa a se consolidar nos anos setenta. *Novas Cartas Portuguesas* é fruto de um momento de amadurecimento, no qual a luta das mulheres desenha novas formas de contestação, dimensionadas nas conquistas alcançadas.

Novas Cartas Portuguesas soma ecos da evolução da mulher que figura na década de setenta. É o momento em que as autoras situam a mulher da sociedade portuguesa na questão ampla e dinâmica do feminismo. A obra marca a presença da mulher tanto na sua história como também na história das mulheres em movimento no mundo pela conquista de seu lugar, quer no espaço privado, quer no público.

“A mão sobre o papel traça com precisão as idéias na carta que, mais do que para o outro, escrevemos para o nosso próprio alimento: o doce alimento da ternura, da invenção do passado ou o envenenamento da acusação e da vingança.”¹²²

Essa carta pretende mostrar que o caminho da luta das mulheres é marcado pelo rompimento com o passado e pela construção de uma nova imagem de mulher. A obra traz o discurso ideológico do feminismo excessivo, porém necessário, já que trata de uma sociedade que marginaliza, sobretudo a mulher, em todos os aspectos de poder e, conseqüentemente, na história. É preciso construir e reescrever uma nova história das mulheres para que a imagem nascida na luta possa aparecer.

¹²² Barreno, Costa, Horta, 1974:10

CONCLUSÃO

Entender o processo de constituição do sujeito envolve inferir que, nessa construção, a questão erótica e a identidade fazem parte de um núcleo, cujo caminho a ser percorrido na identificação e análise de seus mecanismos é ainda bastante vasto.

Diante desse problema, Foucault trata da constituição do sujeito como produto da relação das estratégias disciplinares atuais e de todo o processo histórico de transformação pelo qual esse sujeito tem passado.

No reflexo dessas mudanças, *Novas Cartas Portuguesas* apresenta o sujeito feminino consciente da luta, decidido a buscar uma nova identidade.

A escrita coletiva de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa evidencia a preocupação em mostrar uma mulher evoluindo historicamente, lutando pelos seus direitos e traçando novos caminhos na construção de sua própria identidade.

O caminho histórico e revolucionário percorrido pela mulher foi muito bem definido por Simone de Beauvoir, desde a Grécia até a atualidade. Eram mulheres submetidas ao poder e à obediência do homem, circunscritas ao lar e à educação dos filhos. À medida que a mulher toma consciência de que ela mesma pode se igualar ao homem, nos diferentes aspectos da vida, denuncia essa opressão, manifestando-a em todas as esferas culturais e sociais de sua existência e passa a construir um novo e modificado sujeito feminino.

Tanto Michelle Perrot quanto Simone de Beauvoir esclarecem que a mulher passa a reivindicar seus direitos sociais e até mesmo políticos de igualdade entre os

sexos. O sentimento de insatisfação da mulher, baseado nos falsos conceitos morais, faz com que ela liberte também a sua potencialidade erótica, exercício esse que lhe foi privado anteriormente pelo desejo do homem.

Os textos de *Novas Cartas Portuguesas* marcam uma história de gerações de mulheres que viveram no obscurantismo e que quebram um silêncio de décadas, fazendo-se sujeito na construção de sua própria história. Essa ruptura faz nascer a consciência de liberdade nas mulheres, que emergem, transgredindo regras e reivindicando o direito de serem ouvidas.

A transformação feminina e sua voz fizeram-se ouvir na sociedade portuguesa após a Revolução dos Cravos, num movimento de crescimento da mulher, que questionava e definia esse novo caminho construído por ela.

Michelle Perrot defende que, apesar da entrada da mulher no mundo do trabalho, sem dúvida, uma grande conquista, há, nesse âmbito, uma desmistificação do papel feminino. Embora a presença da mulher no mercado de trabalho faça dela uma força social em quase todos os países, ela situa-se nas camadas menos qualificadas e mais mal remuneradas. Na competição com os homens, a mulher, no mercado de trabalho, vive ainda à sombra do homem.

As autoras de *Novas Cartas Portuguesas* nos trazem textos que denotam a situação de desigualdade, de injustiça do trabalho da mulher, pois toda a dupla jornada (trabalho/casa) não é uma forma de libertação, mas um meio de a mulher dividir o sustento da casa com o homem que, contrariamente, em relação a ela, continua no seu papel de “*senhor e proprietário*”.

Essa luta de classe não deixa de ser um processo de conscientização que, ao longo do tempo, tem ajudado a construir uma nova postura da mulher na sociedade,

fazendo-a rever sua condição.

O tom de militância política e feminista que os textos de *Novas Cartas Portuguesas* apresentam marca a fusão de duas lutas: a de classe e a das mulheres, através dos significantes “opressão” e “exploração”.

Os questionamentos que os textos refletem, a partir dessa tomada de consciência, redimensionam os papéis, pois o processo revolucionário é irreversível. Há um rompimento com o passado, marcado pela opressão e pela exploração.

As autoras de *Novas Cartas Portuguesas* retratam ainda em sua obra, através da linguagem do corpo, todas as sensações vivenciadas pelas mulheres. Esses textos apresentam mãos e olhares, que desenham fatos carregados de significados, identificando a ruptura com a submissão.

As mãos surgem como condutoras da sexualidade feminina, sem interdições morais, revelando uma mulher transbordante de desejo. No texto, o corpo da mulher é identificado como a fonte dos elementos tais como vida, fertilidade e conhecimento, quebrando a marca de possibilidade feminina.

O diálogo com as cartas atribuídas à freira Mariana Alcoforado privilegia a retomada do passado no presente, trazendo à luz uma mulher cercada pelos muros de uma instituição totalitária, que rompe com as regras morais de sua época.

Dessa forma, as autoras de *Novas Cartas Portuguesas* consolidam a transgressão, a ousadia das mulheres como símbolo de libertação e de emancipação feminina. Através da linguagem, colocam em evidência a luta revolucionária da mulher, fazendo de sua obra um instrumento em busca da liberdade.

Três mulheres de uma geração marcada pela luta revolucionária construíram uma obra da expressão feminina, cujo grande desafio, numa dimensão histórico-social

da mulher, foi o de transformar o engajamento político em um verdadeiro trabalho de constituição do sujeito feminino.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. Lirica e sociedade. In: *Textos Escolhidos – “Os Pensadores”*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- AGUIAR, Astrubal de. Sórora Mariana. Lisboa, Portugália Ltda. 1924.
- ALBUQUERQUE, J. A Gilhon. “*Instituição e Poder*”. In *Biblioteca de Filosofia e História das Ciências*, vol. 10. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.
- ALVES, B. M. ET. Alii. *Sexualidade feminina: algumas considerações sobre identidade sexual e identidade social*. Escrita/Ensaio, São Paulo, 1979
- ANDRADE, Eugenio de (Org.). *Cartas Portuguesas*. Lisboa. Limiar, 1969.
- BARRENO, Maria Isabel, COSTA, Maria Velho, HORTA, Maria Teresa. *Novas Cartas Portuguesas*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: L & PM Editores S/A, 1987.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 2000
- BERNARDINO, Fabiana Lopes. *As Personagens Femininas nas Peças Casa de Bonecas e Um Bonde Chamado Desejo*. Dissertação apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo: 2005
- BITTENCOURT, Miriam Raquel Morgantes. *A Escrita Feminina e Feminista de Maria Teresa Horta*. Tese Apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP). Assis: 2005.
- BORDO, S., *A Feminista Como o Outro*. Estudos Femininos. Florianópolis, 2000.
- BRANCO, Lucia Castello. BRANDÃO, Ruth Silvano. *A Mulher Escrita*. Rio de Janeiro: Casa Maria Editorial, LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda, 1989.
- CANEVACCI, Massimo. *A Dialética da família*. 5ª Edição. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Editora Brasiliense, 1985.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, vol. II, 3ª edição, 1999.
- CASTRO GUIMARÃES, Horácio de. *O Mito das Cartas de Sórora Mariana*. In Gil Vicente, 2ª Serie XIII, números 7-8, jil.-ag., 1962.
- CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Editora Brasileira, 12ª ed., 1991.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Tradução, Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Ângela Melim e Lúcia Melim. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1955.
- CHIANCA, Rui. *Desventurado Amor*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1916.
- _____. *A freira de Beja*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1924.
- CORDEIRO, Luciano. *Sórora Mariana*. Lisboa, Ferin & Cia, 1891.
- DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

- DE LAURENTIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: Holanda, Heloisa Buarque de (orgs) *Tendências e Impasses: O Feminino Como Crítica da Cultura*. Rio De Janeiro: Rocco, 1994.
- DELGADO, Humberto. *O infeliz Amor de Sórora Mariana Alcoforado*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.
- DURIGAN, J. A. Erotismo e Literatura. Editora Ática: 1985.
- DUBY, Georges e PERROT, Michele. *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Edições Afrontamento, vol. 5: O século XX, 1995.
- DURAS, Marguerite e GAUTHIER, Xavière. *Boas Falas*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1974
- ELIADE, Mircea. *O Mito do eterno Retorno*. Trad. José Antonio Ceschin. 9ª Ed. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FIGUEIREDO, Fidelino de, *Literatura Portuguesa: Desenvolvimento Histórico das Origens à Atualidade*, Rio de Janeiro, Editora A Noite, s.d..
- FIGUEIREDO, Nuno de. *Cartas Portuguesas*, Porto, Publicações Europa – América, 1974.
- FLAX, J. *Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Crítica Feminista*. In: Holanda. H.B. Pós-modernismo e política, Rio de Janeiro, Rocco, 1992.
- FONSECA, Antonio Belard da. *Mariana Alcoforado: A Freira de Beja e as "Lettres Portugaises"*, Lisboa, Bertrand, 1966.
- FOUCAULT, Michael. *A construção do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.
- _____. "História da Sexualidade: o Cuidado de Si". Biblioteca de Filosofia e História da Ciências, vol. 16. Rio de Janeiro: Edições Graal
- _____. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Ed. Martius Fontes, 2004.
- FRIEDAN, Betty. *A Mística Feminina*. Trad. Áurea Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1971.
- GENETTE, Gerard. *Palimpsestos. La Literatura em Segundo Grado*. Madri: Altea, Taurus, 1989.
- GERGEN, M. M. *O Pensamento Feminista e a Estrutura do Conhecimento*. Tradução de Ângela Melim. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1988.
- GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. Traduções de Magda Lopes. São Paulo: editora Unesp, 1992.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 7ª ed., 2005
- _____. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 8ª Ed. Petrópolis: editora Vozes, 1999.
- GREEN, F. G. "Who Was The Author Of *Lettres Portugaises*" In, *Modern Language Review*, Abril, 1926.
- GREGORI, Maria Filomena. *Cena e Queixas: Um Estudo Sobre Mulheres, relações Violentas e Prática feminina*. São Paulo: Paz e Terra, 1992. P. 127.

- HANSON, Cal A. *Economia e Sociedade no Portugal Barroco -1688-1703*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986.
- HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque. *Dicionário Aurélio. Século Vinte*. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1999.
- HOLANDA, H. B. *Pós-Modernismo e Político*. Rio De Janeiro: Rocco, 1992.
- _____. *Tendências e Impasses – O Feminismo com Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.
- HUTCHEON, L. *Poética do Pós-Modernismo*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- KAISER, Wolfgang. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. Trad. E ver. Paulo Quintela 7. Ed. Coimbra: Armênio Amado Editora, 1985 [Coleção Studium]
- KEHL, M.R. Masculino/Feminino: O Olhar da Sedução. In: NOVAES, A. (Org.) *O Olhar*. 4ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- _____. *A Mínima Diferença: Masculino e feminino na Cultura*. Rio de Janeiro; Imago, 1996..
- _____. *Deslocamentos Femininos*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- LEMAIRE, R. Repensando a História Literária. In: HOLANDA, H.B. *Tendências e Impasses: O Feminismo Como Crítica da Cultura*. Rio e Janeiro: Ed. Rocco, 1994.
- LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na Aldeia*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1945.
- LOURENÇO, Eduardo. *O Labirinto da Saudade – Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.
- LUSITANO, Cândido. *Secretário Português Compendiosamente Instruído no Modo de Escrever Cartas*. Lisboa: Domingo Gonçalves, 1746.
- MAGALDI, SÁBATO. *As Mais Belas Igrejas de Portugal*. Lisboa: Verbo, 1986.
- MANNHEIM, Karl. *O Homem e a Sociedade*. Estudos Sobre a Estrutura Social Moderna. Trad. Waltensir Dutra. 7ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.
- MANSBRIDGE, Jane. *What is The Feminist Moviment?*. In: FERRE E MARTIN (orgs), 1995.
- MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. 8ª Ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.
- MAXWELL, Kenneth. *O Império Derrotado – Revolução e Democracia em Portugal*. São Paulo: Companhia Das Letras
- MELO, D. Francisco Manuel. *Carta de Guia Dos Casados e Cartas de Amor*. Porto, Lisboa: Livraria Lello H Irmão, s.d.
- MITCHELL, Juliet. Et. All. *Psicanalise e Feminismo*. Belo Horizonte: interlivros, s/d.
- MOISES, Massaud. *A Literatura Através dos Textos*. São Paulo, Editora Cultrix, 12ª Ed., 1982.
- MUHANA, Adma Fadul, "O Gênero Epistolar: diálogo per absentiam", in *Discurso: Revista do Departamento de Filosofia da USP*. São Paulo, USP, 2000, n° 31.
- MURARO, R.M. *A Mulher no Terceiro Milênio*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

- MUSZKAT, Malvina. *A Mulher em Busca da Sua Identidade*. São Paulo: Ática, 1986.
- OLIVEIRA, Alice de. *Vida Amorosa de Soror Mariana*. Lisboa, P.A.M. Pereira, 1944.
- PAIXÃO, Sylvia. *A fala-a-menos*. Rio de Janeiro: Numem Editora, 1ª ed., 1991.
- PERROT, M. De Marianne a Lulu: As Imagens de Mulher. In SANTANA, D.B. (org) *Políticas do Corpo: Elementos Para Uma História das Práticas Corporais*. Tradução de Mariluce Moura. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- _____. *Os Excluídos da História*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1988.
- PINTASILGO, M.L. *Os Novos Feminismos*. Lisboa: Moraes, 1981.
- RAMALHO, C. (org) *Literatura e Feminismo: Proposta Teóricas e Reflexões Críticas*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1999.
- RIBEIRO, Manuel. *Vida e Morte de Madre Mariana Alcoforado*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1940
- ROCHA, André Cabbé. *A epistolografia em Portugal*. Coimbra: Livraria Almeida, 1965.
- ROCHA, Nelly Cecília Paiva Barreto da. *Madre Mariana Alcoforado: O Hábito da Solidão*. Belém: Imprensa Oficial, 1995.
- RODRIGUES, Antonio A. Gonçalves. *Mariana Alcoforado; História e Crítica de Uma Fraude Literária*, In, Biblos, Vol. XI, 1931, Pág. 85-136.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *25 de Abril, Uma Aventura Para a Democracia*. Coimbra: Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, ano?.
- SARAIVA, A. J. e LOPES, O. *História da Literatura Portuguesa*. Porto Editora, 12ª Ed., s/d.
- SARAMAGO, Alfredo. *Convento de Sórora Mariana Alcoforado*. Real Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição: Colares Editora, s.d.
- SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2004.
- SHOWALTER, E. A. A Crítica Feminismo no Território Selvagem. In: HOLANDA, H. B. *Tendências e Impasses: O Feminismo Como Crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.
- SOUZA, Maria Cristina. *O Ensaio da Identidade Feminina*. DACEX/CEFET. Revista de Letras 2, 2002.
- THEBAU, Françoise. Introdução. In: Duby, George e Perrot, Michele. *História das Mulheres no Ocidente*. Lisboa: Edições Afrontamentos, 1995. (Vol. 5)
- VAZ, Katherine. *Mariana*. Trad. José Luis Luna, Porto, Edições ASA, 1998.
- XAVIER, E. *Tudo No Feminino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Ática, 1989.